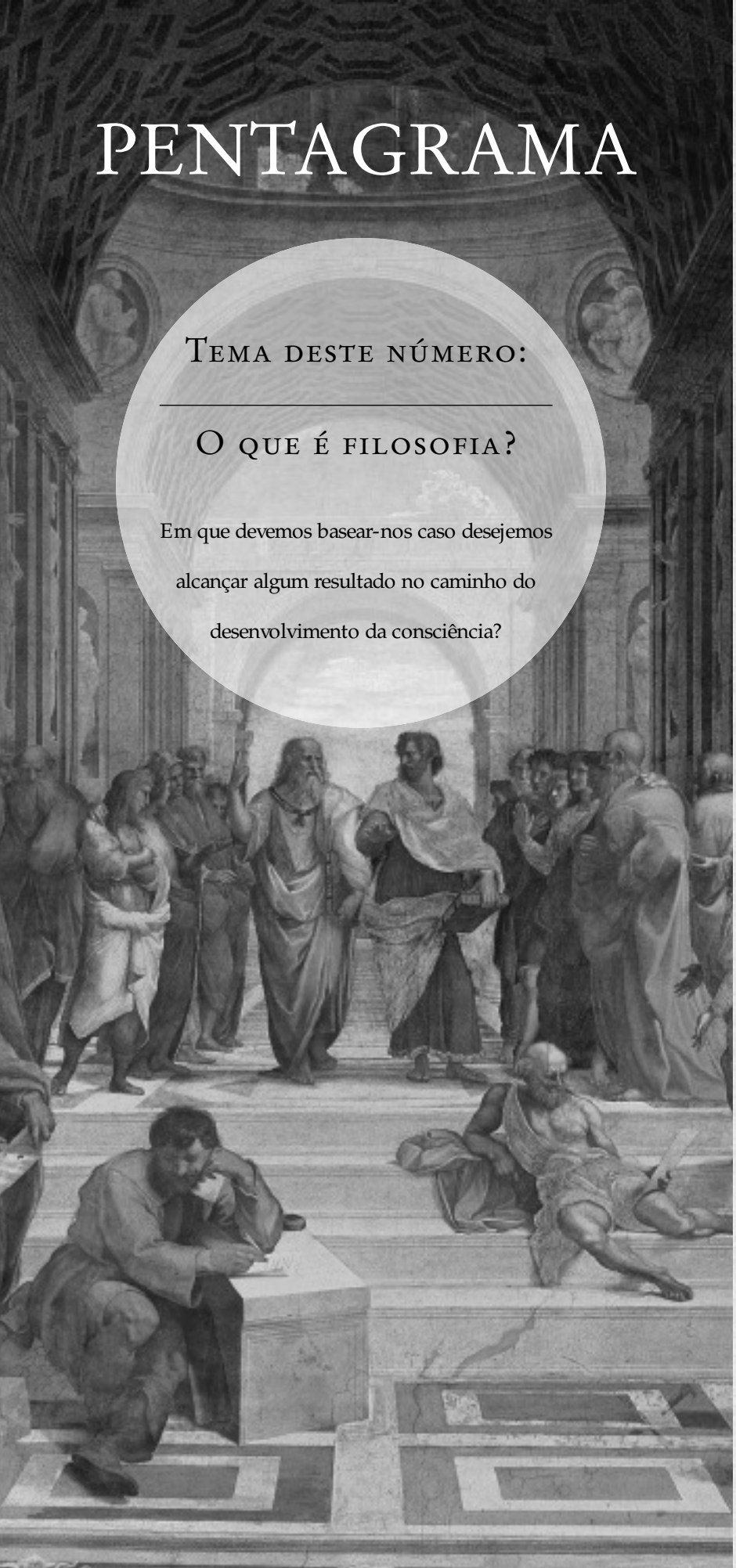
PENTAGRAMA



Tema deste número:

O que é filosofia?

Em que devemos basear-nos caso desejemos alcançar algum resultado no caminho do desenvolvimento da consciência?

Sumário

2 O que é filosofia?

3 A sabedoria dos druidas e dos bardos

11 Os druidas, uma introdução

15 Pitágoras e o pensamento

22 Um sábio

23 Judas Iscariotes, evangelho ou traição?

30 A busca dos filósofos pela verdade

35 Platão e a alegoria da caverna

37 Um magnífico desenvolvimento interior

Ano 28 n. 5
Outubro 2006

A Escola de Atenas. No centro, Platão e Aristóteles; abaixo, à esquerda, Pitágoras. Afresco na *Stanza della Segnatura*, 1510-11, Rafael Sanzio de Urbino (1483-1520), Museu do Vaticano, Roma.

Na capa: detalhe de um relevo do século IX de um navio viking, encontrado na ilha Gotland, perto de Estocolmo, Suécia.

O que é a filosofia?

O buscador oscila sem cessar entre o temor e a esperança, o saber e a dúvida, a negativa pura e simples e uma firme convicção. Há uma tendência em acreditar que isso aguça o pensamento, mantém a vivacidade, o senso crítico e o poder de investigação. Mas também é bem provável que o buscador nessa condição jamais inicie uma verdadeira busca. Nunca se sabe onde chegará semelhante desenvolvimento, pois ele pode evoluir de maneira bastante inesperada.

De onde devemos partir caso desejemos alcançar algum resultado no caminho do desenvolvimento interior da consciência? Será necessário eliminar nosso espírito crítico? Nossa felicidade e a salvação de nossa alma dependem de um mestre, de uma instituição, de uma crença ou então de seguirmos esta ou aquela orientação?

Será possível que a incitação à pesquisa seja um traço característico adquirido e subsista ao longo do caminho percorrido pelo buscador? Uma capacidade que, da simples pesquisa, leva à "intuição clara" e, nos momentos críticos, espera que digamos "sim", embora saibamos interiormente que não devemos continuar no caminho encetado?

Essas questões nunca deixaram de preocupar os filósofos de todos os tempos. Tendo partido em busca da verdade, eles investigaram a fundo as pretensas certezas, dissertaram sobre as forças que dominam os homens e sobre a pequena margem que coloca de um lado *a luta pela existência* e de outro o anseio da alma. Eles apontaram as ciladas da consciência inferior, as numerosas limitações encontradas na natureza, mas também falaram sobre as possibilidades libertadoras da alma. Porque, com freqüência, o que o cérebro busca é o coração que encontra.

Esta é a primeira de duas edições da revista Pentagrama em que alguns desses pensadores ou sistemas filosóficos serão abordados. Muitos deles alcançaram uma parte da verdade. O elemento buscador neles era uma característica do coração que, infalivelmente, distinguia o verdadeiro do falso, o certo do errado.

A sabedoria dos druidas e dos bardos



Os druidas guiavam e instruíam as populações celtas, cuja consciência, cultura e formas sociais eram totalmente diferentes das nossas. No livro The flaming door (A porta flamejante)*, Eleonore C. Merry define de maneira um tanto irônica as condições necessárias para compreender seus conceitos:*

Derrintaggart. Arco-íris acima do círculo de pedras em Castletownbere na península de Beara, County Kerry, Sudoeste da Irlanda. O nome significa "(Lugar do) carvalho do sacerdote" © Pentagrama

"Se não tivéssemos ciências modernas, se não tivéssemos a lógica, a arrogância de nossas opiniões, nem a perplexidade diante da morte, nem algum outro saber senão o das conseqüências evidentes e implacáveis de nossos atos; se o sono fosse um despertar; se os acontecimentos pessoais dependessem de decretos solenes e sistemáticos escritos nas estrelas; se fosse possível ler a história de nossos ancestrais no sangue que corre em nossas veias; se nossa cabeça se percebesse como modelo da terra inteira, sustentada por nossos ombros e balançando ao ritmo de nossos movimentos; se nosso coração fosse a imagem do sol e nossos pulmões as asas da lua que os protege... sim, então o Universo inteiro seria um poderoso gesto do espírito, nós nos movimentaríamos nos sonhos e visões dos deuses e a terra representaria a tábua de pedra ou de madeira onde nossos atos imortais se-

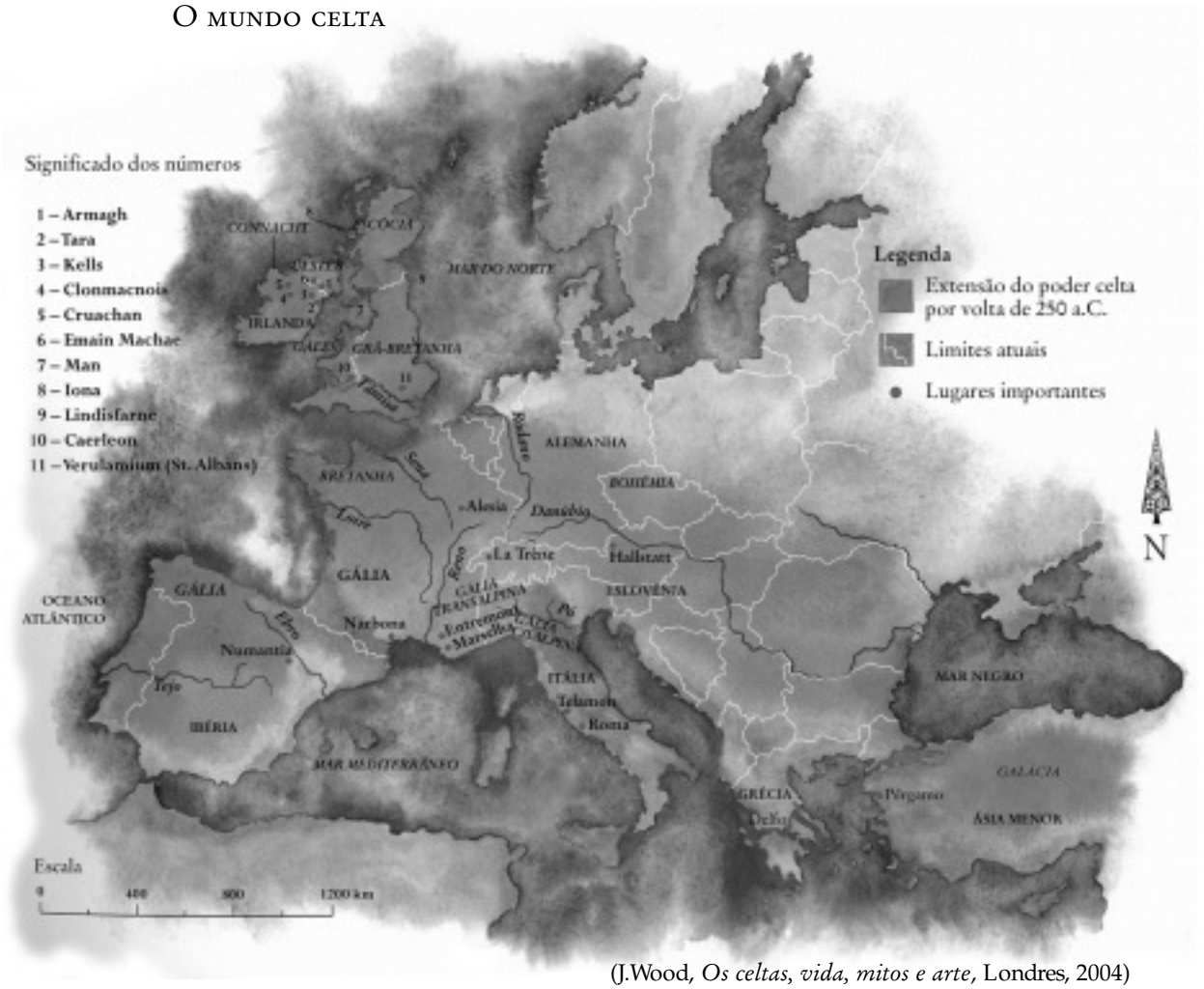


riam gravados".[1] Isso é apenas uma aproximação. As visões que os bardos e os druidas tinham durante seus cultos são de difícil acesso para nós. Entretanto, na época atual, em que tudo é documentado, os princípios universais de sua misteriosa filosofia são claramente expostos.

A sabedoria dos antigos mistérios druídicos consistia, em parte, na aquisição da independência individual. Sua tarefa era tornarem-se conscientes na matéria da vida exterior. Esse desenvolvimento era de primordial importância nos séculos que precederam o advento do cristianismo, ao passo que, em nossos dias, o importante para nós é a desmaterialização, a ruptura de nossos laços com o mundo exterior.

Podemos verificar a propensão a nos tornarmos cada vez mais conscientes do mundo material em que vivemos, enquanto sentimos ao mesmo tempo o desejo de escapar dele. Vemos aqui o antigo movimento descendente da encarnação sob a direção dos mistérios druídicos e a tendência atual de nos libertarmos da própria matéria. Trata-se do único e mesmo princípio universal de fluxo e refluxo verificado em todos os planos: a expiração do alento da eternidade e o retorno à fonte.

O MUNDO CELTA



(J.Wood, *Os celtas, vida, mitos e arte*, Londres, 2004)





Certamente nos escritos que remontam ao início da era cristã e considerados dignos de fé pelos especialistas, parece, sobretudo, que os druidas estavam de posse de uma intuição visionária, clarividente, do Cristo cósmico. Eles o chamavam de "o Senhor dos elementos". Os que estudaram a história dos celtas e seus mestres espirituais concordam sobre uma coisa: as fontes romanas relativas a eles são com freqüência as mais tendenciosas. Com efeito, trata-se da história escrita pelos vencedores, e eles sempre têm razão – até o momento em que as fontes autênticas emergem para modificar seus relatórios e apresentar realidades muito diferentes.

Uma das fontes celtas é o *Bardass*, notação de um ensinamento oral dos bardos do País de Gales. Como todas as fontes da sabedoria antiga, esses ensinamentos também eram transmitidos apenas em forma oral. Somente após os primeiros séculos do cristianismo eles foram redigidos pelos bardos em colaboração com os monges. As versões conhecidas foram elaboradas com base nas primeiras versões escritas. Em alguns pontos o conteúdo foi cristianizado, mas sem qualquer prejuízo para a sabedoria original, que ainda é possível descobrir nele.

No *Bardass* fala-se de Manu, o "filho dos três prantos". Manu tem uma visão da palavra criadora, na qual ouve o nome de Deus: "Quando Deus pronunciou seu nome, surgiram com a palavra luz e vida, pois antes disso outra vida não existia senão a de Deus mesmo. Uma vez pronunciado o seu nome, brotaram a luz e a força vital, assim como o homem e todos os seres viventes. E Manu reconheceu o jorro da luz, sua forma e aparência nas três colunas, e na irradiação da luz ouviu o som estrepitoso proveniente dos raios luminosos, pois ouvir e ver eram uma só coisa na fusão da forma e do som. E nessa união da forma e do som estava a vida, e a união dos três representava o poder, o poder de Deus o Pai. Ora, como essas uniões ultimavam numa só coisa, Manu compreendeu que cada voz, cada audição, cada vida e ser, cada olhar e visão, era um com Deus; mesmo o infinitamente pequeno outra coisa não era senão o próprio Deus".[2]

Duas coisas ressaltam neste texto: primeiro, a unidade de onde flui a multiplicidade. Em muitas tradições sábias podemos encontrar essa noção de emanação: o fluxo, partindo de uma única fonte, de todos os seres, de todas as formas e de todos os fenômenos. Segundo a tradição do País de Gales, a percepção e o som aparecem juntos, em seguida a aplicação de letras e símbolos, depois a compreensão do som e da palavra, a música e a poesia. Em resumo, uma diferenciação sempre crescente, sem o desaparecimento da unidade. Não existe ruptura alguma na criação, "mesmo o infinitamente pequeno outra coisa não é senão o próprio Deus".

Em segundo lugar, o mais impor-

Página da esquerda: As divindades celtas assim como o ensinamento são freqüentemente representados sob a forma de tríades. Este baixo-relevo da deusa-mãe em três personagens com o pão e os peixes simboliza a superabundância da vida. ©Museu de Ulster.

Acima, direita e esquerda: Dólmen e círculo de pedra no complexo megalítico de Carrowmore, County Sligo, Irlanda.

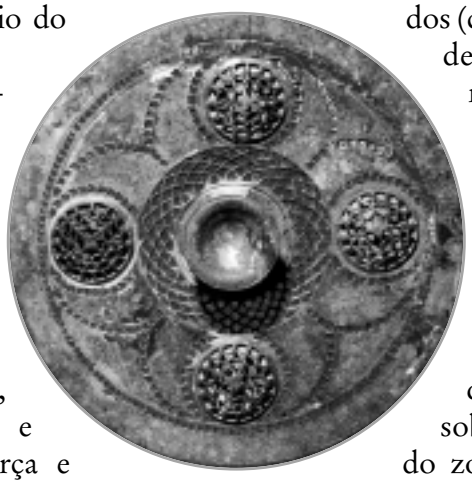
Acima, centro: Dólmen Poulnabrone, em The Burren, County Clare, a oeste da Irlanda. É o dólmen mais conhecido desse país, também chamado tumba-portal. Segundo uma lenda bastante antiga, *O fruto de Diarmuid e de Grainne* (deusa do trigo), esses dois personagens dormiam nesse lugar quando fugiam do herói mítico Fionn Mac Cool. ©Pentagrama.



tante é a alegoria das três colunas. Ao ouvir o som original, Manu escuta três notas e vê três letras. Ele também contempla os símbolos que as acompanham: "O símbolo *O* dado à primeira coluna, o símbolo *I*, à segunda, a coluna do meio, e o símbolo W, à terceira. Dos três surge a palavra OIW[3], ou dito de outra forma: é mediante essa palavra que Deus manifesta sua criação: vida, força, eternidade, universalidade. Ao mesmo tempo ele torna conhecido o seu amor, pois imediatamente, num clarão, surge a vida, o Universo inteiro, numa só e única sonoridade jubilosa que acompanha a proclamação do nome de Deus, num só cântico de arrebatamento e de amor".

Sobre essa radiante imagem original elevam-se as colunas que, como símbolos, são encontradas em outras

tradições. Pensai, por exemplo, nas colunas de força e de sabedoria da doutrina judaica encontradas na entrada do templo. Na tradição celta essas duas colunas eram denominadas "Arte" e "Conhecimento"; elas continham toda a sabedoria dos mistérios antigos. Essa sabedoria foi também gravada em duas colunas por Hermes, o grande sábio do antigo Egito.



A terceira coluna, a do meio, é a coluna do amor. Enquanto a criação inteira se sustenta sobre as duas colunas laterais, a da direita e a da esquerda, som e luz, arte e conhecimento, força e sabedoria, no centro se eleva o amor que tudo inflama, faz ressoar um grande clamor geral e junta tudo numa imensa fusão da luz. Encontramos essa idéia, por exemplo, na tradição judaico-cristã: Cristo, manifestação da força de amor, não vem, como ele diz, para destruir a lei (judaica), mas para cumpri-la. A sabedoria e a força unem-se no amor.

"A realização dessa verdade, inerente a esse antigo escrito, forma o coração e a essência da mitologia celta – e, em verdade, de todos os mistérios da existência. Em toda parte reina a tríade. O ser humano pode colocar-se na condição de terceira coluna em relação às outras duas."[4]

O homem recebe a incumbência de reunir em si a arte, a ciência e a religião; se realizar a unidade, ele a irradiará na sociedade e na cultura. Podemos perceber que aqui não se trata tão simplesmente de uma reconciliação entre os dois extremos que são arte e ciência. Isso é o que demonstra outra fonte da mitologia celta. Trata-se do conto intitulado "O tesouro de Annwn" (ou "O abismo insondável"). Esse poema do bardo Taliesin, cujo nome significa "a fronte radiante" – qualificação dada a um homem esclarecido – fala de uma viagem de barco através dos sete espaços fechados (círculos ou santuários, denominados "caers" no texto). O barco é conduzido por doze homens mais um décimo-terceiro no centro: Artur. Trata-se aqui não apenas da imagem lendária da Távola Redonda, mas também, e sobretudo, da imagem do zodíaco com o sol no centro. No poema, as sete esferas planetárias recebem a visita das doze constelações.

O caminho dos druidas e dos bardos era composto de três fases: a saída das constelações fixas (12), a travessia das esferas planetárias (7), o acesso ao mundo dos elementos (4). Da mesma forma como Taliesin (o radiante), um verdadeiro bardo pode dizer-se três vezes nascido: "Sou nascido três vezes. Eu sei pensar verdadeiramente. É uma pena o homem não buscar todo o conhecimento do mundo acumulado em meu peito, pois eu sei tudo o que foi e tudo o que será". Um druida, um homem que passou pelas três iniciações, viaja de maneira consciente à noite durante o sono, ele vai e retorna, nas três esferas (nas esferas dos elementos, dos planetas e das estrelas) antes de despertar. Portanto, para ele o sono é um despertar e a morte em nada o amedronta.

O druida ou bardo iniciado nos

À esquerda: Guerreiro gaulês, placa de cinto proveniente da Eslovênia, século IV a.C.

Acima: Existem muitos exemplos de escudos ricamente trabalhados, como este escudo em bronze, retirado da carruagem-tumba em Cuperly, Marne, França.



Capacete de desfile, em bronze e ferro, ouro e coral, Agris, (Charente), por volta de 400 a.C., Musée de la Société Arch. et Hist. de la Charente, Angoulême, França.

mistérios e que se tornou vidente verifica ser ele mesmo um modelo em miniatura do Universo. Ele olhava da grande altura o grandioso "instrumento cósmico" em sua ordem sétupla e duodécupla. Daí provém também, para os druidas, o conhecimento de todos os reinos inferiores. Ele aprende, por exemplo, os segredos do magnetismo terrestre bem como o segredo das influências das constelações e dos planetas sobre o corpo humano e o reino vegetal, extraindo disso uma arte médica. Os bardos ouviam as melodias e as harmonias dos mundos superiores. Não era sua personalidade inferior a executora dessas músicas celestes, porém seu "eu" verdadeiro. Es-



Fragmento de calendário celta, Coligny (Ain), século II a.C. Os celtas conheciam um ciclo que durava cinco anos dividido em 62 meses, um sistema complexo, fundamentado no ritmo do sol e da lua, que comprova seu conhecimento avançado dos astros e de seu movimento.

se grandioso aspecto de seu ser, que transcende a morte, que foi unido ao divino, era chamado IAU, "o mais jovem".

Trata-se aqui também de um fundamento universal. Encontramos um nome semelhante nas *Estâncias do livro de Dzyan*, traduzidas por Blavatsky: "Vê, ó Lanu, o radiante filho do dois, a glória refulgente e sem par: o espaço luminoso, filho do escuro espaço, que surge das profundezas das grandes águas sombrias. É OEAO-HOO, o mais jovem. Ele brilha como o sol. É o resplandecente dragão divino da sabedoria".

Em nossa época, essa perspectiva significa um retorno completo. Chegamos ao ponto mais baixo da materialização, da densificação, e o caminho de retorno, de elevação, passa pelos quatro elementos ou pedras de construção (em sentido figurado) através das esferas planetárias até o mundo das estrelas fixas do zodíaco. Se seguirmos esse caminho iniciático restabeleceremos o antigo esplendor do homem microcósmico. Para o druida, o bardo, a viagem mergulhava nas profundezas do *Tesouro de Annwn*. Antes de descer à "prisão de Gwair", seu corpo deve estar em "boas condições", portanto de acordo com as leis cósmicas.

"O justo", afirma um texto que podemos ler como sendo o relato de uma iniciação, "suporta a pesada corrente azul"; ele se submete às máculas e ao peso inevitáveis da existência corpórea (o sangue). Ele entra no mundo, chamado aqui "Vediwid". Sua descida deve agora prepará-lo bem. Pela primeira vez ele passa pela experiência de sair de si mesmo e seguir avante para "conhecer o mundo", unir-se ao mundo para nele experimentar a realidade espiritual sem cair na ilusão de sua natureza física. Do contrário, a "resplandecente espada



Divindade gaulesa carregando um javali no peito e um olho suplementar na lateral de sua cota. O javali era um símbolo do rei/guerreiro; o olho mostra o conhecimento dos dois mundos. ©RMN/Man

viva" se levantará contra ele e ele não conseguirá franquear o umbral do conhecimento espiritual.

Carregado com o "prêmio" do tesouro da experiência, Taliesin retorna, por fim, aos mundos superiores, mas desta vez com um outro nome: Elphin, "o filho dos homens". Nele vive Taliesin, o espírito imortal, o microcosmo. De fato, Elphin esteve temporariamente separado de Taliesin, mas apenas aparentemente. Em conseqüência de seu destino terrestre ele cai numa cilada e é aprisionado, porém Taliesin o liberta. Então Elphin relembra seu destino celeste e se volta para o ser espiritual dentro de si mesmo.

Por fim, Taliesin enaltece em um cântico sua esposa Elphin, sua alma. Ele ingressa no salão onde irá cantar, e os vinte e quatro bardos silenciam diante do gênio que entoa seu hino.

Também no número vinte e quatro reconhecemos um símbolo universal: ele indica, na tradição cristã e na tradição gnóstica, os "vinte e quatro anciãos", os duas vezes doze signos do zodíaco que aparecem uma vez no decorrer da descida – as luzes antigas – e uma segunda vez no decorrer da elevação no "caminho das estrelas" – as novas luzes do firmamento interior.

Então, em seu cântico ele mescla de maneira maravilhosa o que é anterior ao cristianismo com o cristianismo:

João, o Encantador,
assim fui chamado por Merdinn
(Merlin),
e finalmente todos os reis
chamam-me Taliesin.

Estava com meu Senhor
nas esferas superiores
quando no fundo do inferno
Lúcifer caiu.
Conduzi a bandeira de Alexandre,
conheci o nome das estrelas,
as do norte e as do sul.
Estive na garupa do cavalo
de Elias e de Enoque.
Pendi no alto da cruz
do abençoado filho de Deus.

Estive em Canaã
quando foi morto Absalon.
Estive na casa de Don
antes que nascesse Gwydion
(Mercúrio ou Hermes).

Estive no céu
com Maria Madalena.
Recebi minha inspiração
do Caldeirão de Ceridwen.

Todo ser humano é um "filho do homem", um Elphin. Em cada um deles Taliesin aguarda para libertá-lo. Então Elphin ressuscita da personalidade terrestre e torna-se de novo o filho dos deuses que sempre foi, mas que esqueceu que era. Ele recebe seu nome iniciático: Taliesin. Elphin-Taliesin representa toda a humanidade. O poema "Real Cadeir" resume isso de forma brilhante:

Ao termo de nossas provas
Os números já não existirão.
A alma ígnea
atravessará as nuvens
com os filhos dos Serafins.
Teu povo se elevará
depois da libertação de Elphin.

1 Merry, E. C. *The Flaming Door*, 1936.
2 Ibidem.
3 O W é pronunciado como U, portanto deve-se ler OIW como OIU
4 Merry, E. C. Ibidem.

Os druidas, uma introdução



Existe uma enorme diferença entre as fantasias românticas e os testemunhos documentados fornecidos por cronistas e historiadores da antiguidade clássica. A respeito dos druidas, há relatos excêntricos que falam de anciãos majestosos com barbas longas e cabelos ondulados que, rodeados de luz, colhiam o visco nos bosques de carvalhos, profetizavam e ofereciam sacrifícios sobre altares de pedra, os dolmens. Contudo, a realidade é indubitavelmente mais sóbria, mas nem por isso menos fascinante.

A palavra druida não tem relação alguma com a palavra carvalho, idéia esta aceita sem provas. Isso aconteceu porque Plínio, o Velho, em sua *Naturalis Historia XVI*, 24, fala a respeito da veneração dos druidas por essa árvore: "Eles nunca celebravam um ritual sem um galho dessa árvore". Daí concluiu-se que seu nome proviria da palavra grega drus (carvalho), e muitos se ativeram a essa explicação. Porém, isso é um erro. Na mitologia nórdica existe uma relação entre "árvore" e "conhecimento". Plínio fala de árvore, e não de carvalho. Pode-se dizer que druidas, "homens das árvores", significa: "homens que possuem o conhecimento", da palavra indo-européia "wid", que significa "sabedoria".

Os druidas tinham uma função nas assim chamadas sociedades celtas. O conjunto

Os celtas são encontrados com o nome de *Cymru* na Inglaterra, País de Gales e Hibérnia (Irlanda), sob o nome de *Gaels* na Escócia e de *Gauleses* na Gália. Segundo suas tradições, eles haviam colonizado, na Antigüidade, "uma certa terra virgem". Por volta de 1800 antes de nossa era, o druidismo estivera sob a direção do patriarca Hu Gadarn (Stonehenge), um contemporâneo de Abraão. Os celtas não registravam nada por escrito, nem mesmo as questões religiosas; na construção dos altares não entrava nenhuma parte metálica nem pregos. Era o "reino de pedra" da Bíblia. Podemos fazer uma idéia do seu êxodo graças aos montes de pedras em forma de pirâmide – os cairns – que vão do Oriente Médio à antiga Bretanha, e de seu país de origem do outro lado do Eufrates (três mil anos antes de nossa era) aos seus novos habitats, a atual Grã-Bretanha, a Irlanda e a Gália por volta do início de nossa era.

Segundo a tradição, o primeiro monte de pedras foi erigido por Jacó como símbolo de sua aliança com Labão. "Então tomou Jacó uma pedra, e erigiu-a por coluna. E disse Jacó a seus irmãos: Ajuntai pedras. E tomaram pedras, e fizeram um montão, e comeram ali sobre aquele montão. E chamou-o Labão Jegar-Saaduta; porém Jacó chamou-o Galeede. Então disse Labão: Este montão seja hoje por testemunha entre mim e ti. Por isso se lhe chamou Galeede." (Gênesis 31:45-48).

A construção de montes de pedras de testemunho era um hábito religioso entre os hebreus e os celtas. Com isso eles testemunhavam da aliança com seu Deus único e invisível, bem como de sua fé indefectível nele.



Página 11: Estela etrusca de arenito, Bolonha. O motivo mais abaixo mostra o combate entre um cavaleiro etrusco e um guerreiro gaulês.

Martin Linnartz, *Visco sobre um carvalho*. Desenho a lápis, 1981.

dessas populações vivia nas regiões que se estendiam da Hungria às Ilhas Britânicas, das planícies do Pó à embocadura do Reno, e da Europa oriental e da Ásia Menor à África do Norte, Espanha e França.

Em *Nas guerras gálicas VI, 13/14*, César diz: "Os druidas eram os guardiões da religião. Eles ofereciam sacrifícios e transmitiam um ensinamento; preparavam numerosos jovens e, como eram muito venerados, seu julgamento era decisivo nos conflitos. Eles distribuíam a justiça e ditavam as leis, resolviam as disputas relativas às heranças e às fronteiras, administravam sanções e recompensas. Se um indivíduo ou grupo não os quisesse ouvir, eles o excluíam das práticas religiosas. Para os gauleses, essa era a pior das penas... Os druidas não tinham o hábito de participar de guerras e não usavam armas..."

O termo "druida" compreendia toda uma gama de dignidades e de poderes específicos. Os druidas eram juízes, sacerdotes, poetas e oradores, etc. Os autores gregos e latinos qualificavam-nos tanto de filósofos como de magos, de clarividentes ou de cantores e poetas. Diodoro da Sicília afirma que nenhum ritual de sacrifício era praticado sem a presença de um druida "especialista em filosofia". Os autores antigos sempre falavam dos druidas com admiração e nunca os confundiam com feiticeiros primitivos. Diviciacus, em *De Divinatione*, *1, 40,* escreve: "O druida afirma conhecer as leis da natureza, denominada fisiologia pelos gregos, é capaz de entender e explicar os presságios e predizer o futuro". Hipólito diz em *Philosophoumena*, 1, 25, que os druidas estudavam em profundidade o ensinamento de Pitágoras, e Clemente de Alexandria, em *Stromata 1, XV, 71*, afirma que Pitágoras havia recebido o ensinamento não apenas dos brâmanes, mas também dos druidas. Eles se assemelhavam por suas doutrinas, seus estudos, sua arte poética e sua legislação. O ponto de partida do direito celta era idêntico ao da antiga Índia. Myles Dillon, professor de celtismo na universidade de Dublin, faz um paralelo espantoso entre indianos arianos e druidas irlandeses.

Na antiga Grécia, admirava-se o fato de esses "bárbaros" (denominação dada nessa época a todos os povos, com exclusão dos gregos e romanos) terem um sistema filosófico importante e tradições filosóficas e religiosas de nível bastante elevado do ponto de vista intelectual e espiritual.

César diz a respeito dos celtas: "Os druidas ensinam que as almas não desaparecem, mas que passam de um corpo para outro". Junto do rei estão os druidas, e com ele dividem o governo. Na sociedade celta, o temporal, que é o estado, está a serviço do eterno, que é a sabedoria druídica. Entre os romanos, e posteriormente na Igreja ca-



tólica romana, é a eternidade que está a serviço do temporal. Além dos historiadores romanos, os documentos e as antigas tradições datadas dos primeiros séculos do cristianismo da antiga Bretanha (Inglaterra), da Irlanda e do País de Gales também nos ensinam muito a respeito do antigo cristianismo.

A origem do cristianismo e os acontecimentos dos primeiros séculos foram totalmente diferentes do que a Igreja desejou fazer-nos crer. As primeiras informações a respeito dos celtas chegaram até nós por meio de Julio César, Dio Cassius, Tácito, Suetônio e os escribas romanos posteriores. Segundo as versões disponíveis, parecenos totalmente impossível qualificar de "bárbara" a civilização altamente desenvolvida da "Bretanha". Diodoro da Sicília (90-20 a.C.) caracterizava seus habitantes da se-

O visco

O conhecimento dos druidas relativo à flora e à fauna e à utilização de ervas e vegetais com finalidades médicas é impressionante e fundamenta-se num conhecimento profundo do ser humano. Esses "homens dotados de conhecimento" veneravam o visco por razões outras além de apenas fazer "poções mágicas". Essa planta era para eles, além de uma planta medicinal importante, o símbolo da vida superior. O visco nunca toca a terra: ele retira sua força vital das árvores centenárias – freqüentemente do carvalho, que cresce nas grandes florestas, que são sagradas para os druidas.

Não se trata de uma planta parasita no sentido literal da palavra. Ele retira água do carvalho sem colocá-lo em risco; em verdade, ele elabora seu próprio alimento graças à sua função clorofiliana.

Os sábios e sacerdotes conhecedores do poder medicinal do visco consideravam-no uma dádiva do mundo superior, o mundo dos viventes, a dádiva do "Círculo de Gwynfyd". O visco não está submetido às mudanças das estações: suas bagas amadurecem no inverno. Elas escapam a tudo o que é determinado pelos ciclos terrestres, possuem forma arredondada e não crescem para baixo nem para os lados. Em outras palavras: suas sementes crescem para cima, nunca para baixo, como acontece com todas as outras plantas. O visco está voltado à perfeição, ao não-terrestre, e mantém uma especial relação com a luz. Os sábios druidas viam no visco um testemunho palpável do auxílio divino ofertado aos homens arrastados no círculo das experiências.

Essa pequena planta crescia nas gigantescas florestas que, na época, cobriam milhares de hectares, lugares onde o rumor de lutas tribais penetrava com muito custo, onde reinava um silêncio profundo trazido pelo sussurro do vento, onde não penetrava a violência das civilizações ascendentes e decadentes. Os tordos bicavam os frutos do visco e, devido à sua rápida digestão, espalhavam as sementes sobre outras árvores. Ou então, com o bico, eles golpeavam os galhos em que as sementes permaneciam coladas, e, assim, as espalhavam de árvore em árvore.

Será que ainda sabemos fazer dessa planta uma pomada particularmente eficaz?

O visco também era utilizado como remédio contra o "mal sagrado", a epilepsia. Os druidas ignoravam que o visco continha polipeptídeos, visotominas, amino-colinas biógenas, mas sabiam muito bem que ele baixava a pressão arterial, impedia o crescimento de tumores pelo fato de conservar luz e calor vital. Compreende-se, portanto, por que esses sábios, homens e mulheres, dotados de uma compreensão que transcendia o tempo e o espaço e possuidores de um grande conhecimento do cosmo, consideravam essa planta uma dádiva, um remédio universal provindo diretamente do "plano do infinito" ou do "País dos Viventes", como o chamavam, com toda justiça.

guinte maneira: “gente cultivada, cortês para com os estrangeiros... leais, íntegros e alheios às rusgas de certas pessoas que se acham entre nós; eles se satisfazem com alimentos simples e não aspiram ao luxo nem à riqueza”. Entre romanos e celtas aconteciam intensos intercâmbios culturais e de conhecimentos.

Entre os druidas havia três níveis de iniciação pelos quais deviam passar antes de ter acesso aos mistérios. Dizia-se que quem chegasse ao final da terceira fase com sucesso era designado como “renascido”. Com isso, tinha acesso aos ensinamentos que os sacerdotes druídicos conservavam desde a remota Antigüidade. Considerava-se, então, que o iniciado era objeto de “especial favor dos deuses”.

Os chefes religiosos e políticos celtas eram escolhidos dentre esse grupo. Eles também reverenciavam uma “madona” que trazia nos braços uma criança, como símbolo da alma purificada com o novo princípio vital, e em 25 de dezembro celebravam o nascimento do filho do deus Sol. Para os druidas, a cruz e a serpente eram símbolos sagrados.

Quando os romanos chegaram, os celtas já tinham atrás de si dois mil anos de história. Seu fundamento era a tríade: “Cada homem tem três deveres: render culto a Deus; agir corretamente com todos; morrer por seu país”.

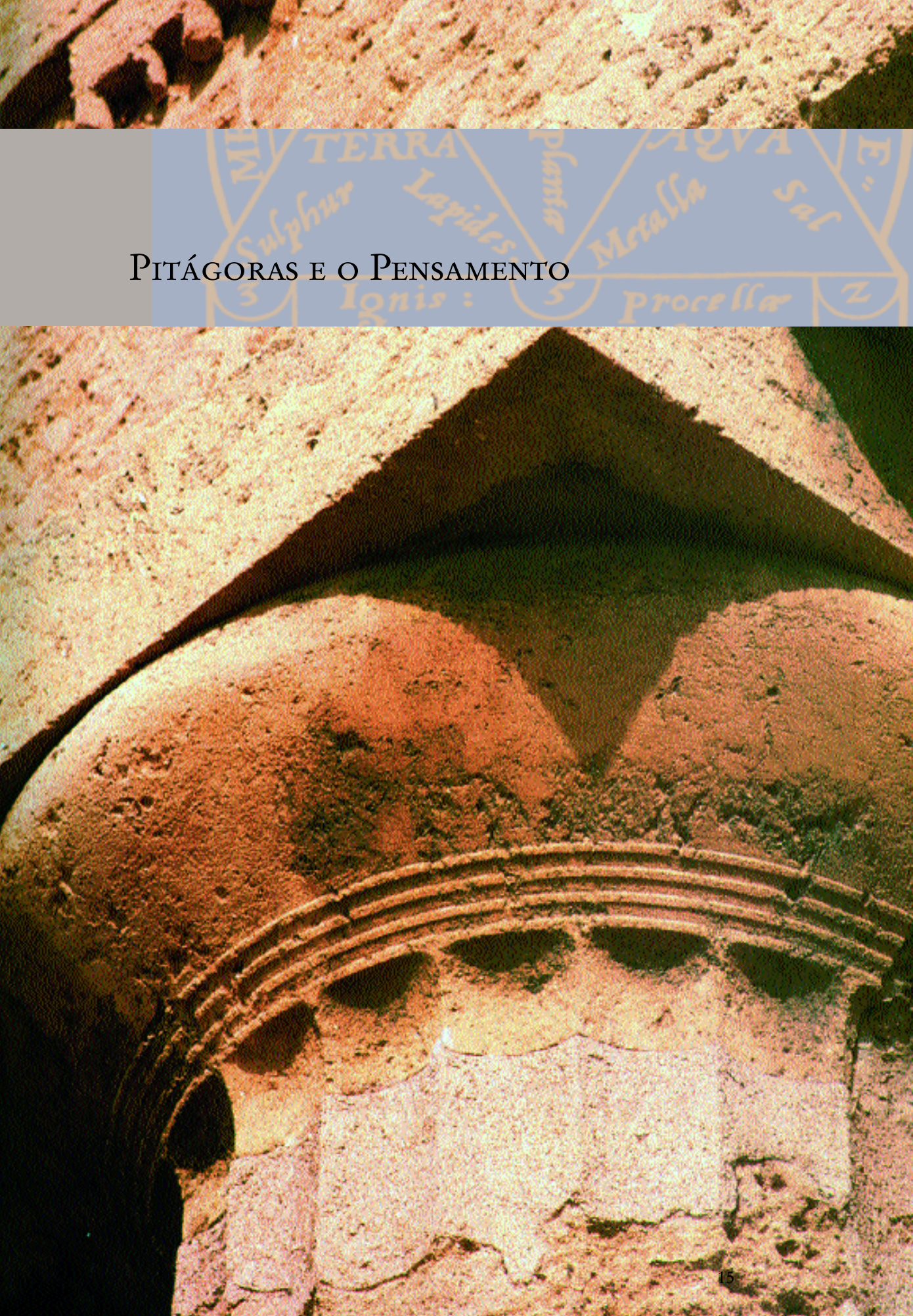
Os druidas eram antes de tudo aristocratas; desse modo, {cerdócio real”. A ordem dos druidas era constituída principalmente de reis, príncipes e nobres. Sua autoridade e influência eram enormes. Eles podiam infligir os piores castigos, sendo o mais assustador deles um tipo de excomunhão que bania o homem de ambos os mundos: o mundo presente e o mundo futuro. Os templos druídicos eram circulares, abertos para o exterior pelos lados e na parte superior. Sua forma representava a cúpula celeste; não se podia entrar com metal algum em seu interior. Um “cromlech” (pedra de adoração) servia de altar, e uma pedra escavada servia de bacia para recolher a intocada água “sagrada” vinda direto da chuva. Eles não celebravam culto algum antes do nascer ou do pôr-do-sol. A forma circular dos templos simbolizava o ciclo eterno da natureza, e as vias de acesso também tinham uma função simbólica, apresentando muitas vezes o comprimento de dez quilômetros.

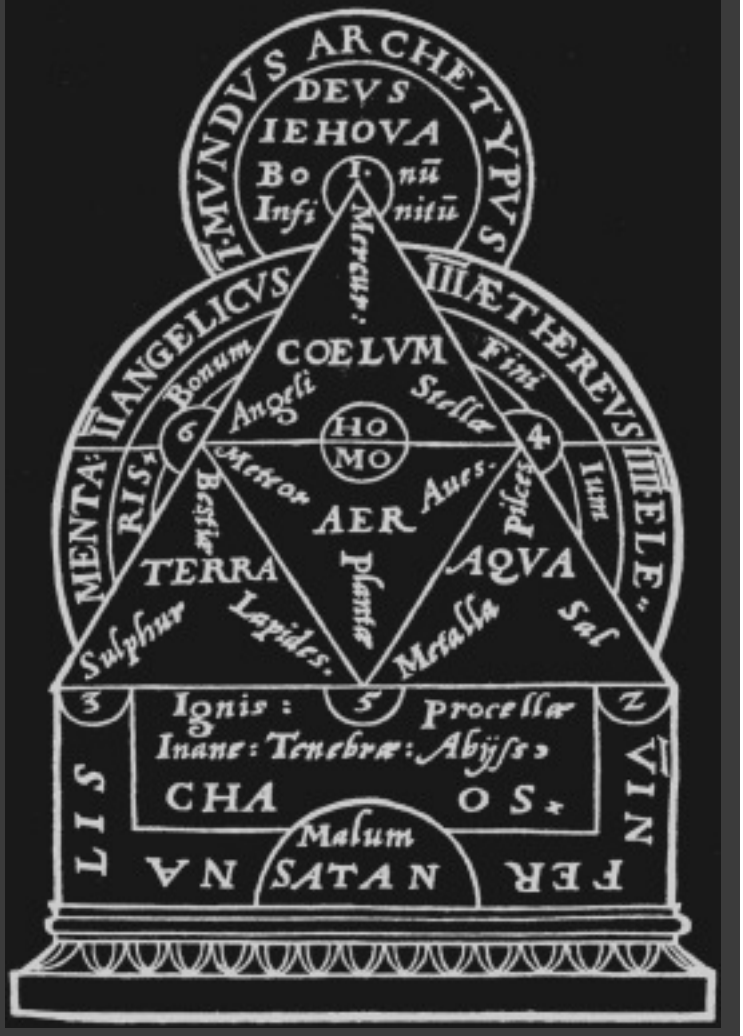
No primeiro século, as instituições druídicas da antiga Bretanha compreendiam mais de sessenta universidades contando com aproximadamente 60.000 alunos. Para adquirir a sabedoria dos druidas era necessário ter em média vinte anos. Essas escolas e universidades chegaram a alcançar um status que poderia perfeitamente competir com as universidades atuais, e muitas pessoas escolhiam fazer nelas seus estudos. Segundo fontes gregas e romanas, parece que os nobres e ricos de Atenas e Roma enviavam para ali seus filhos para estudar Direito, Ciências e Religião.

As tentativas determinadas de Roma para, se possível, dar um fim a essa superioridade dos celtas provam que seus dirigentes estavam plenamente conscientes dela. Isso, porém, só foi conseguido após o ano 325, quando Estado e Igreja concluíram uma assombrosa aliança. Mas, de há muito, as resoluções de Augusto e Tibério visavam claramente aniquilar o druidismo, pois as funções sacerdotais exercidas pelos druidas tinham sido, entre outras coisas, a causa de rebeliões e traições.

FONTES:
Bushby, T. *The Bible Fraud.* Áustria: The Pacific Blue Group, Budina, Austrália, 2001.
Herm, G. *The Celts*. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1976.
Huis, P.F.W. *Als a bovenaardse rivier*. Haarlem: Rozekruis Pers, 2001.
Jowett, J.F. *The drama of the lost disciples*. Londres: Covenant, 1963.
Markale, J. *Le druidisme, traditions et dieus des celtes*. Paris: Payot, 1985.

Pitágoras e o Pensamento





Pitágoras é o grande sábio que apareceu no início da época cultural greco-romana a qual, assim como a tradição hermético-egípcia e a religião judaico-cristã, teve um papel importante no desenvolvimento do pensamento ocidental. Sendo um dos iniciadores da época cultural greco-romana ele marca o início do pensamento individualista, típico daquela época.

Ele pode ser considerado uma figura exemplar, e foi com base nele que inúmeros filósofos e sábios dos séculas posteriores se orientaram.

Dois tipos de pensamento

Pitágoras pôs em evidência duas fontes do pensamento; portanto, dois aspectos: o inferior e o superior. O pensamento racional ou reflexão é produzido pelo órgão de conhecimento que é da mesma natureza deste mundo transitório e está relacionado apenas aos fenômenos dele dependentes. Ele estabelece as ligações causais, determina os meios a ser utilizados para alcançar seu objetivo e transforma os dados sensoriais em conceitos e sistemas científicos.

O poder superior do pensamento foi chamado por Pitágoras de "compreensão superior", uma forma de pensamento intuitivo cujo foco é o ser verdadeiro, o núcleo espiritual no homem. Ele provém de um órgão espiritual que entra em atividade na cabeça tão logo o núcleo espiritual situado no coração é estimulado, tal como o testemunham os rosacruzes. Ele é formado por um conjunto de forças e se apóia no conhecimento da lei divina, conhecimento esse que lhe permite descobrir os meios ocultos do mundo fenomênico. Essa forma de pensamento intuitivo, ou espiritual, é denominada "nova consciência" – nova alma – no ensinamento da Rosacruz Áurea.

Para Pitágoras e sua escola, as duas formas de pensamento se completam. O pensamento espiritual exerce a supremacia e dá ao pensamento racional um objetivo e limites. O pensamento racional está a serviço do pensamento espiritual. Ele manifesta os impulsos do pensamento espiritual no mundo dos fenômenos e revela as analogias existentes entre este e o mundo divino e prepara-nos, assim, para a experiência direta do mundo divino.

Pitágoras (ca. 582/70-496 a.C.) era originário da ilha grega de Samos. Ele viajou muito e visitou diversos lugares misteriosos do mundo antigo (Egito, Babilônia, Creta, Grécia), onde recebeu suas iniciações. Em 520, ele foi a Crotona, no sul da Itália, onde fundou uma Escola, uma Fraternidade que chegou a contar com dois mil alunos, entre os quais seiscentos iniciados dos dois sexos. A Escola foi estabelecida sobre bases simples: orientação única para a lei espiritual, a não-luta, a harmonia em todas as atividades com o apoio especial da música, da astronomia, da geometria e da amizade (unidade de grupo). O caminho indicado por ele está descrito em *Os versos áureos*. Sua Escola teve origem no culto e no ritual místico dedicado a Apolo, o deus solar da sabedoria e das belas artes.

As dissensões entre os alunos e a hostilidade do mundo externo resultaram na extinção da Escola e da Fraternidade após a morte de Pitágoras. Contudo, tanto a energia liberada por ela como seu ensinamento perduraram por séculos e influenciaram numerosos pensadores, dentre os quais Platão e Plotino, que deles fizeram o fundamento de suas respectivas escolas.



Página 15: Capitel dórico, Templo da Concórdia, Agrigento, Sicília.

Quando um pitagórico, por exemplo, observa uma figura pentagonal ou medita sobre os sete tons da oitava, os números 5 e 7 o remetem aos mesmos valores fundamentais que constituem a base do mundo divino e serviram para elaborar o cosmo inteiro. Eis uma abordagem totalmente diferente da do célebre teorema, o qual, aliás, é bastante anterior a Pitágoras. Para ele, o número é o princípio fundamental da natureza divina e da natureza terrestre, o princípio ordenador, considerado qualitativamente e não apenas quantitativamente.

O domínio do pensamento racional

Com o passar do tempo, a ligação entre os dois tipos de pensamento foi rompida. Muitos filósofos deram prioridade ao pensamento racional. Emmanuel Kant (1724-1864) alegava que o homem já não se encontrava em condição de exercer um pensamento espiritual dotado da faculdade de reconhecer Deus e a sabedoria divina e, portanto, deveria limitar-se ao conhecimento das coisas acessíveis ao pensamento racional. Com admirável perspicácia, Kant determinou os limites do pensamento intelectual e demonstrou que ele não tem o poder de apreender fenômenos como Deus, liberdade, imortalidade, etc., e muito menos provar a existência de Deus. Nisso, com certeza, ele estava correto. Mas teria ele também razão em recusar definitivamente a possibilidade de um pensar espiritual, a possibilidade de conhecer Deus e seus atributos?

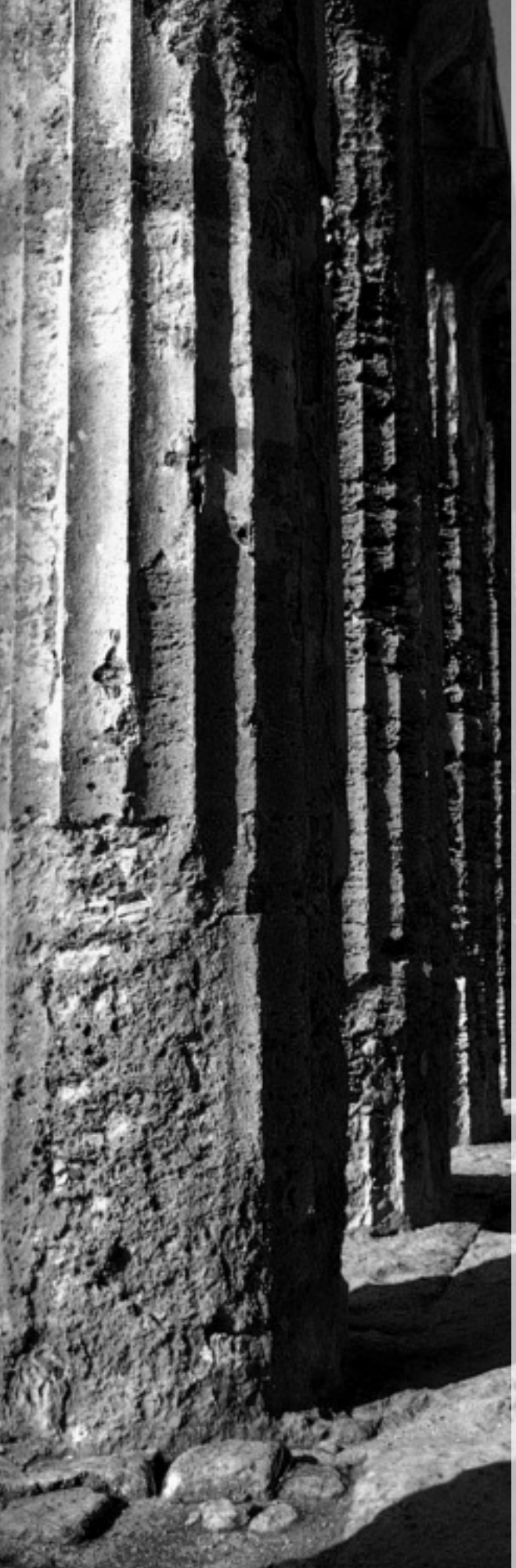
Segundo Kant, o homem não consegue se aproximar de Deus pelo pensamento; no máximo, conforme ele se expressava, pode fazê-lo "mediante a lei moral em mim". Com isso, ele entendia que o homem pode conceber interiormente a existência de Deus, da liberdade e da moral. Não seria isso o indício de uma fagulha devida a uma atividade da centelha do espírito?

Mas observar a lei moral interior vai além da certeza, que é adquirida pela contemplação de Deus mediante o pensamento espiritual. Segundo Pitágoras, é justamente a aptidão para o pensar espiritual e intuitivo que faz do homem um verdadeiro ser humano, um Manas. Apenas a inteligência intuitiva faculta ao homem compreender sua origem em Deus, seu lugar no Universo, seu estado de queda, o verdadeiro objetivo de sua existência e o caminho para alcançá-lo. *Os versos áureos* descrevem com precisão o caminho espiritual. Pitágoras diz: "Mostra a tua coragem, pois divina é a linhagem dos mortais, e a natureza que revela o sagrado nos ensina todas as coisas".

A inteligência racional auxilia o homem a dominar a natureza e a tornar sua existência menos difícil. Mas, quando ele rejeita o pensamento espiritual e se volta exclusivamente para o mundo fenomênico, começa a sentir-se perdido como um grão de pó no Universo, exposto à contingência da vida e sacudido em sua onda caótica.

Essa forma de pensamento encontra-se na origem de tudo o que aconteceu. Ela é uma ameaça para a natureza e para o homem quando, seguro de si mesmo, ele violenta o pensamento espiritual.

Se Pitágoras vivesse em nossos dias, sentiria o maior respeito pelos avanços da biogenética, fruto do pensamento racional. Veria confirmada



Trechos dos Versos Áureos de Pitágoras

A nada dês início sem antes invocar a bênção dos deuses. Pensa antes de agir, para que nada faças de insensato. Somente um tolo age sem refletir. Nada faças que não compreendas, e aprende o que te é necessário. Assim levarás uma vida agradável. Quaisquer que sejam os sofrimentos que o destino te reserve, em nome de Deus, suporta-os com paciência e sem queixumes. Esforça-te para melhorar a tua vida, e pensa que o destino nada envia de insuperável aos homens justos. O que quer que alcances, permanece fiel ao meu ensinamento. A cura da alma pode te preservar de numerosas desgraças.

Aplica-te em aprender a dominar tuas paixões; inicia pela cupidez, continua, a seguir, pela indolência, a sensualidade, e por fim a cólera.

Que teus olhos cansados não se fechem antes de te fazeres estas três perguntas: Que fiz hoje? Que fiz de mal? Terei eu feito o que devia? Repassa todos os teus atos, do primeiro ao último. Se compreenderes que agiste mal, repreende-te em espírito. Se agiste bem, regozija-te. E mantém a coragem: os homens são de origem divina; tal é a natureza santa que lhes desvela os segredos mais profundos; o divino não encontra nenhum lugar sobre a terra, e quanto mais a natureza da alma a ele corresponde, mais ela é santa e pura.

Os teólogos e sacerdotes de antigamente testemunhavam que a alma, devido a um castigo, havia sido ligada ao corpo onde ela se encontra sepultada como numa tumba. Tudo quanto vemos quando despertos está morto, e sonha quando dormimos.

Que a razão, este dom divino, seja teu guia supremo. Ali onde existe a justa compreensão atua o divino; ali onde ela é má, atua o mal. Ao te dissociares do corpo mortal e te elevares no éter, te tornas um deus incorruptível e imortal: a morte já não tem poder algum sobre ti.

Os Versos Áureos de Pitágoras foram recolhidos na Antiguidade por Jâmblico. Eles são provenientes dos ensinamentos de Pitágoras e foram conservados por um certo número de seus alunos.
Marsilio Ficino, o tradutor do *Corpus Hermeticum*, publicou-os em 1490, após o que surgiram numerosas edições.

sua concepção de que o mundo dos fenômenos é magistralmente ordenado, até em seus mínimos detalhes, segundo estruturas numéricas. Ele acreditava que o Criador, em sua sabedoria, criara *em si* os arquétipos, assim como o pensamento produz as idéias. Esses protótipos são como germes e, de acordo com leis precisas, fazem as criaturas sentir e se tornar conscientes de si mesmas e de Deus nelas. Assim como em cima, assim é embaixo. Assim como em cima, no mundo divino da harmonia e da beleza, domina a lei e o número, assim também é embaixo, no mundo dos fenômenos.

Mesmo cheio de respeito, Pitágoras teria rejeitado toda manipulação inconsiderada das leis da natureza. Tal idéia nem mesmo lhe teria ocorrido, pois ele sabia que cada partícula, por exemplo, o gene de uma planta, está estreitamente ligada às demais coisas. Quem intervém nos processos naturais e ignora essas interações perturba o curso das coisas e obstaculiza o desenrolar do grande plano estabelecido pelo Criador.

Pitágoras teria estudado cuidadosamente a teoria da evolução. Teria admirado a infinita diversidade dos animais e das plantas, provas da imperecível riqueza da "fantasia" divina e teria mergulhado no estudo das leis da evolução – mutação e seleção. Certamente ele não teria considerado esse desenvolvimento como obra do cego acaso. Teria concluído que a atividade divina na natureza utiliza a mutação e a seleção a fim de favorecer o desenvolvimento de suas criaturas.

E teria sido para ele uma alegria observar, no domínio da física de partículas, a estrutura do átomo obedecendo às leis da medida e do número que tudo ordenam e refletindo a sabedoria do Criador! Ele não teria, de modo algum, sentido necessidade de se entregar à fissão nuclear, especialmente por ainda serem ignoradas as suas conseqüências na ordem da natureza.

O pensamento racional deve ser refreado, mesmo que isso contrarie a própria natureza. Apenas um coração terno, bondoso e aberto pode abrir passagem para o vasto pensamento espiritual. O coração ligado com o mundo espiritual pacifica o pensamento racional. Apenas o pensamento espiritual dá um sentido à existência humana e indica o caminho da realização.

O mental como instrumento neutro

Pitágoras afirma que o próprio homem deve refletir. Deveis vos tornar independentes, viver vossas próprias experiências e iniciar o mais rápido possível o caminho espiritual. Uma das primeiras coisas que devereis ensinar e vivenciar é quando o intelecto é útil ou quando ele é prejudicial. Ele se expressa da seguinte forma nos *Versos áureos*:

"Torna-te autônomo ao fazer tuas próprias experiências e engaja-te o mais rápido possível na via espiritual. Estuda primeiro e vê o que é útil e o que é prejudicial à tua compreensão: caso tenhas feito o mal, repreende-te; e se o bem, regozija-te. Nestas coisas trabalha, nestas medita, nestas convém que empregues teu amor. Todas elas te sublimarão a dirigir teus passos pelos vestígios da virtude divina (versos 44-46). A bússola do pensamento orienta a aspiração pela verdade. Segue-a, e o que mantiveres na luz já não estará nas trevas. O que lês

nos livros e o que ouves de outrem não passam de especulações. Fia-te em tua bússola interior.

Se assim seguires o caminho," continua Pitágoras, "obterás a compreensão tanto do mundo divino como do mundo terrestre. Libertar-te-ás das paixões impulsivas e do temor que perturbam o fluxo das forças interiores e turvam tua visão suscitando sonhos e ilusões. O pensamento racional te dará uma visão clara do mundo dos fenômenos, no qual te guiarás inteligentemente, ou seja: tu te guiarás de tal modo que nada entrave o desenvolvimento espiritual, e com uma temperança que não engendra qualquer sofrimento" (verso 34).

A inteligência a serviço do novo pensamento

O eu e portanto a inteligência se põem a serviço da nova alma. O pensamento intuitivo afasta os obstáculos: "Põe a compreensão justa acima de tudo e deixa-te guiar. Assim, quando deixares o teu corpo a fim de alcançar o éter livre, serás imortal" (69-71).

Antes de tudo, Pitágoras conhecia a condição do homem mortal: "Como pedras que rolam, os homens são arremessados para cá e para lá e sofrem dor infinda" (57-58). Ele sabia que a única possibilidade de sair disso era encontrando o caminho da libertação.

Tendo em vista a sabedoria que acabamos de expor, Pitágoras fundou uma Escola de Mistérios. Após ter conversado com diferentes grupos – senadores, crianças, moças e rapazes – pronunciou quatro discursos que se tornaram célebres, cada um destinado a uma dessas categorias de pessoas, dentre as quais muitas se apresentaram como alunos e interessados. Organizou uma comunidade onde ministrava seu ensinamento e realizou numerosas conferências dentro da mesma orientação espiritual e comunitária. Ele apelava ao pensamento intuitivo de cada um, pois toda a organização deveria harmonizar-se com a lei interior. Os graus e as etapas do caminho, a relação mestre-discípulo, o conteúdo das lições e das conferências, tudo devia refletir a harmonia, a ordem e a beleza das leis espirituais que regem o Universo. Uma obediência incondicional à lei interior determinava os atos de Pitágoras e de seus alunos. Este é o ponto de partida de toda Escola de Mistérios, que se enraíza em cada coração humano. "Quem conhece perfeitamente esses ensinamentos contempla a essência dos deuses imortais e dos homens mortais, pois ela penetra e rege todas as coisas" (49-51).

Fontes:

Waerden, B.L. v. d. *Die Pythagoreer, religiöse Bruderschaft und Schule der Wissenschaft.* Zurique: Artemis, 1979.

Schimitz, H. Die goldenen verse.

Firth, F. M. (Dion Fortune) (N.R.) *De gulden verzen van Pythagoras en andere pythagoreesche fragmenten*. Amsterdã: Schors, 1981, 3a. ed.

Um sábio

O pai de Pitágoras era o mercador Mnesarcho, de Tiro. Segundo a lenda, por ter levado seu trigo à cidade de Samos quando a fome ali reinava, ele acabou ganhando o direito à cidadania. Sua mãe chamava-se Pythais de Samos. Provavelmente ele teve dois ou três irmãos. Em sua juventude, recebera uma boa educação, seguindo os cursos de filosofia e poesia e aprendendo a tocar lira. Com seu pai, fez inúmeras viagens.

De acordo com certas fontes, Pitágoras primeiro residiu algum tempo no Egito e depois, como prisioneiro de guerra, na Babilônia (região próxima à atual Bagdá), antes de voltar a Samos. De lá, ele seguiu para Crotona, no sul da Itália, entre 530 e 518 a.C., para ali fundar uma colônia. Ali ele estabeleceu uma comunidade filosófica e religiosa com regras de vida austeras e centradas no ensinamento dos *mathematikoi* (matemáticos). Os artigos de fé dessa comunidade foram resumidos por Pitágoras na forma de alguns axiomas:

- No grau inferior, deve-se compreender a realidade matemática da natureza.
- O estudo da sabedoria, ou filosofia, deve servir à pureza espiritual.
- A alma pode se elevar até a união com o divino.
- Certos símbolos (tal como os números) são artigos de fé.
- Todos os membros da comunidade prestam juramento de perfeita fidelidade e total segredo.

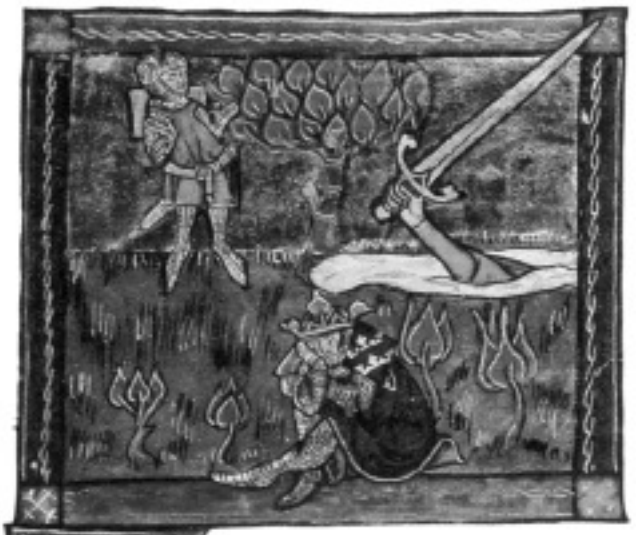
Nessa comunidade, os pitagóricos estudavam filosofia e, sobretudo, matemática. Um dos pontos mais importantes na concepção de mundo segundo Pitágoras era que tudo podia ser reduzido a números.

Os pitagóricos consideravam a doutrina dos números de modo mais ou menos metafísico e aplicavam-na ao conjunto das coisas. Segundo eles, tudo é ordenado conforme os números naturais. O 2 representa o homem e o 3, a mulher; logicamente o 5 (2+3) representa o casamento. Conforme esse ensinamento, a música, a harmonia e os números estão indissoluvelmente associados. O mundo constitui uma esplêndida obra de arte: Pitágoras foi o primeiro a empregar a palavra "cosmo", que literalmente significa "adorno", "obra artística". Em astronomia, ele ensinava que a terra é uma esfera no centro do Universo, que a trajetória da lua forma um ângulo com o equador e que a estrela matutina e a estrela vespertina são um único e mesmo planeta, Vênus.

Um ponto importante da filosofia de Pitágoras: a imortalidade da alma e sua passagem, após a morte, para outro corpo – não necessariamente um corpo humano. Por conseguinte, Pitágoras opunha-se grandemente à alimentação com carne, pois neste caso seria possível comer a carne dos próprios antepassados!

Quanto ao quinto axioma – fidelidade e segredo absolutos – ignora-se se todos os conceitos e os escritos do grupo de Crotona provêm de Pitágoras. Eles são atribuídos ao grande mestre, embora não se conheça nenhum manuscrito dele mesmo. Os ensinamentos, em sua maior parte, eram secretos, e deles ninguém podia fazer anotações. Os candidatos deviam guardar silêncio por um longo tempo e não lhes era permitido ter acesso a todos os conhecimentos dos iniciados. O respeito ao grande mestre era tão profundo, que o argumento *autos epha* (grego) ou *ipsi dixit* (latim), que significa "ele próprio o disse", qualquer discussão estava excluída.

Apesar da cláusula de segredo, numerosos autores, na época dos gregos e dos romanos, falaram de Pitágoras. Não apenas os grandes filósofos e cientistas Aristóteles e Jâmblico como também o poeta romano Ovídio eram fascinados pelo pensamento de Pitágoras. Em sua obra prima, *Metamorfoses*, ele diz: *Omnia mutatur*, *nihil interit* (Nada se perde, tudo se transforma), palavras ainda conhecidas nos dias atuais.



Judas Iscariotes, evangelho ou traição?

A importância do autoconhecimento

Evangelho significa boa-nova.
No Novo Testamento da Bíblia judaico-cristã há quatro desses evangelhos sob a forma de relatos míticos sobre a ressurreição do homem e o retorno do filho pródigo.
Esses escritos não têm o menor valor histórico, pois reportam-se exclusivamente a diversos processos espirituais e aspectos da evolução da alma humana.
Como diz Hermes a Tat:
"Deves obter, ó alma, o verdadeiro conhecimento de teu próprio ser, de suas formas e de seus aspectos. Não penses que algum aspecto do qual desejas adquirir o conhecimento esteja fora de ti; não, tudo do que deves obter conhecimento está no teu interior".[1]

No primeiro século de nossa era havia em circulação numerosos evangelhos, tratados, revelações e outros escritos do gênero. Alguns foram extraídos de textos provenientes do Egito ou mesmo da Índia, outros surgiram naquela época. Os temas são bastante variados, indo de escritos apócrifos como *O evangelho da verdade, O evangelho dos doze santos* e *O evangelho de Maria* até *O evangelho das artes mágicas, O evangelho de Jesus, o Sol, O evangelho de Helena* (mãe do imperador Constantino), um *Evangelho de Pedro,* a *Carta de Sêneca a Paulo*, sem contar trinta e seis rolos intitulados *Atos*, escritos por um certo Fabricius.

Os quatro evangelhos da Bíblia foram compostos, mais tarde, por tradutores desconhecidos, com o objetivo de dar uma base à Igreja da época. Todos esses evangelhos não foram redigidos por personalidades históricas chamadas Judas, João, Marcos, Lucas, Tomé, Maria, Felipe, etc. Não existe nenhuma prova disso. Os nomes atribuídos aos quatro evangelistas canônicos derivam desses discípulos de Jesus. A Igreja "apostou na bolsa" como se esses textos fossem originais.

Em Roma, por volta de 475, Teodorete, um presbítero encarregado das práticas eclesiásticas, escreveu a respeito de todos esses textos cristãos tão divergentes: "Nas igrejas, encontrei mais de duzentos evangelhos diferentes. Fiz que eles fossem coletados e guardados, e em seu lugar enviei os quatro evangelhos para serem utiliza-

Ilustração francesa do século XIV da lenda de Artur: a espada Excalibur é devolvida ao lago. Artur jaz ferido de morte sobre a margem, enquanto a espada é atirada na água onde uma mão feminina a agarra ©British Museum.

dos pelos bispos".[2] Muitas autoridades religiosas sabiam que esses evangelhos eram falsos, porém qualificaram-nos de "divinos". E isso era afirmado publicamente. O bispo Victor de Tunnunum (África do Norte), que morreu por volta de 569, declarou a esse respeito: "Sob a ordem do imperador Anastácio (494) os santos evangelhos foram corrigidos e alterados em Mesália, pois davam a impressão de ter sido escritos por um *idiota evangelista* (portanto, os próprios evangelistas)".[3]

Um guia da psique

Os textos gnósticos primitivos podem ser qualificados como descrições de diversas etapas atravessadas pela consciência: crescimento, compreensão e realização, simbolizados por nomes de pessoas, de regiões ou de cidades, que, além do significado usual, definem os estados interiores sucessivos pelos quais passa o ser humano. A via de retorno à origem divina não está fora dele.

Em suma: os evangelhos formam a base (pelo menos em parte) do caminho do homem desviado para sua pátria verdadeira, caminho esse formulado em três fases: João-Jesus-Cristo. Ou por outras palavras: purificação (corporal) do homem; construção da alma; o homem alma-espírito. Ou dito de outra forma: o caminho de desenvolvimento da busca, a realização e a ressurreição. Um caminho que atravessa todas as resistências naturais, interiores e espirituais. Quem quer que se pergunte francamente quem é e o que faz nesta Terra ouve, no momento propício, a voz de sua consciência. Então, por fim, na prisão da vida material, a centelha divina percebe que o espaço e a força da luz universal que denominamos "Cristo" ilumina o coração.

Cada ser humano é tomado pela cólera em face de seu aprisionamento: é a cólera de Herodes que traz em si; mas ele também sente a força de João Batista e a força de Jesus.

Cada alma humana sofre a opressão da matéria, porém a origem dessa opressão deve ser buscada dentro dela mesma, e assim o ser humano reconhece também os fariseus e os doutores da lei, os numerosos cegos, os coxos, os mendigos e os leprosos. Ali ele descobre os publicanos e as prostitutas, um Pilatos, um Saulo, um Pedro, um João, uma Maria, bem como um Judas que deve vender Jesus. Para quem sabe ler, o significado dos Evangelhos grava-se de maneira clara em sua alma. Mas quem tem condição de compreender, quem conhece a si mesmo, quem percebe sua verdadeira natureza e sua alma? Pode acontecer que esse humilde caminho de experiência e de purificação dê à pessoa comum – consciente de ser alguém desprovido do conhecimento original – a capacidade de alcançar essa compreensão e essa maturidade.

Atualmente, existem no mundo cristão, ao lado dos quatro Evangelhos canônicos, de trinta a sessenta evangelhos apócrifos, entre os quais *O Evangelho de Judas*, que desconcertou o mundo teológico. Se formos crer nas revistas e nos jornais, houve quem tenha tentado tirar vantagens dessa descoberta que, diga-se de passagem, contraria todas as idéias aceitas até então. Trata-se de um perigo para os teólogos.

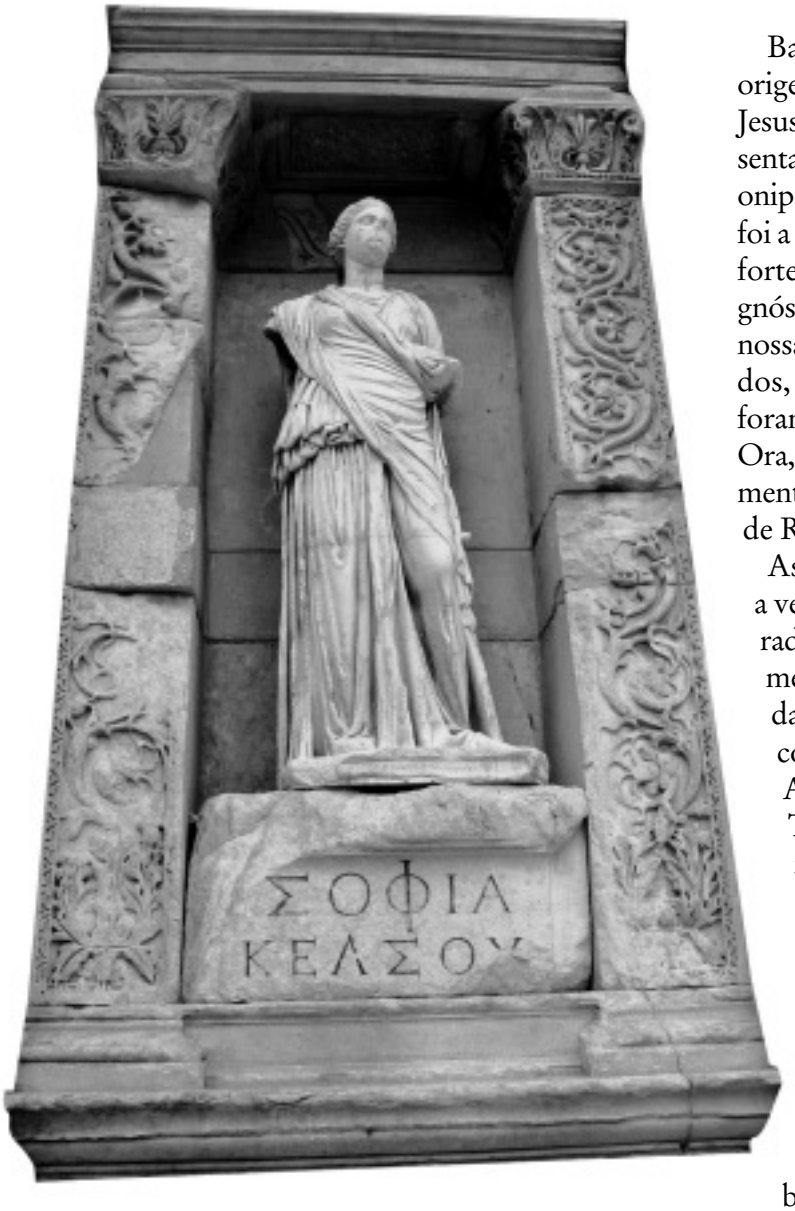
Oficialmente, esse texto copta, que os especialistas dizem ter sido traduzido do grego, foi descoberto no Egito por volta de 1975. Após lances astronômicos, acabou dando volta ao mundo: mercadoria aventureira adquirida por uma fundação americana em 2005.

A biblioteca de Celso em Éfeso. ©Pentagrama

A história da Igreja de Roma lista um grupo de personagens denominadas por ela de os primeiros "Pais da Igreja", que teriam sido os autores, no decorrer dos seis primeiros séculos de nossa era, dos textos religiosos conformes com o catolicismo. Essa denominação foi deixada de lado de propósito, pois a idéia de os apóstolos terem transmitido a esses homens a verdadeira mensagem de Jesus é absolutamente falsa. Contudo, este é um dos dogmas da Igreja.

Durante os três primeiros séculos, a Igreja primitiva ainda não estava organizada e os dignatários espirituais era chamados de "presbíteros", padres. "Presbítero" queria dizer no princípio "velho homem", o equivalente a "sábio". Os mais cultivados entre eles, que sabiam ler e escrever, eram denominados "epíscopos", de onde deriva a palavra "bispo". Estes estavam bem acima dos presbíteros, que se contentavam em repetir os relatos lendários e, naturalmente, acrescentar algo mais. Quem sabia falar bem diante do público gozava de grande autoridade. A transmissão dos ensinamentos evangélicos era feita por via oral, tal como acontece hoje nas igrejas. Segundo Celso, no século II os padres tinham ajuntado as compilações de dimensões variadas em que figuravam principalmente os mitos e as narrativas fantasistas e discutiam a respeito do que podia ser lido em público. Celso declara: "Seus livretos medíocres estão cheios de velhas fábulas... das quais eles não compreendem grande coisa... eles escrevem esses disparates em pergaminho... sem descanso, e jamais terminam".[4]





Representação da Sophia (a Sabedoria), biblioteca de Celso em Éfeso. ©Pentagrama

Justamente antes da Páscoa de 2006 ele surgiu como o reencontrado evangelho de Judas. De fato, trata-se de uma descoberta importante. Segundo o *Adversus Haereses* (Contra as heresias, 180 d.C.), esse campeão dos heréticos chamado Irineu de Lyon por certo conhecia esse texto, que ele concluiu ser uma falsificação, pois este não se encaixava na política da Igreja em via de formação. *O Evangelho de Judas* provavelmente já era conhecido por volta de 120 d.C.[5] Ele é um dos numerosos manuscritos banidos pela Igreja romana no início do cristianismo.

Baseada no cristianismo mítico das origens foi composta a história de um Jesus histórico tornado mártir e representado como a imagem de um Deus onipotente que reina no céu. Essa não foi a primeira vez que a versão do mais forte prevaleceu. Todos os grupos gnósticos e heterodoxos do início de nossa era foram perseguidos, eliminados, massacrados, e seus escritos foram destruídos ou monopolizados. Ora, o cristianismo original era totalmente diferente daquele que a Igreja de Roma tornou oficial.

Assim, na metade do último século, a verdade reapareceu em ritmo acelerado, mais em sentido literal do que metafórico. Um exemplo disso é dado pelo *Evangelho de Judas*, descoberto, sem dúvida, em 1947, em Al-Minya, no Médio Egito.

Trata-se de uma verdadeira boa-nova, que nos diz que Judas não é manifestamente um traidor e mostra que os pretensos santos Pais da Igreja tiveram de manipular os outros evangelhos para que isso não viesse à tona. Segundo acreditam alguns, a palavra "Iscariotes" vem de "-Keriot" (lugar próximo a Hebron); segundo outros, Judas nasceu numa região longínqua, onde viviam, à parte, os Iscariotes ou cainitas, um grupo de gnósticos judeus livres e isolados.

O vôo da serpente emplumada

Em 1953, apareceu no México uma obra intitulada *O vôo da serpente emplumada*,[6] lançando uma nova luz em forma de conto sobre o significado até então difícil de compreender de Judas Iscariotes no episódio dramático da morte de Cristo. Aparentemente, essa obra nada fica a dever aos tex-

tos recentemente publicados sobre Judas Iscariotes, causadores de tanto alarde. Trata-se de saber se o autor de *O vôo da serpente emplumada* tomou conhecimento desses textos. A seguir, citamos algumas passagens dessa obra:

"Jesus disse a Judas falando dos outros discípulos: 'Eles dormem com o coração tranqüilo, porque encontraram o que buscavam, mas, tu, Judas, ainda não encontraste, e teu cálice será amargo de beber, mas tua glória será grande nos céus. Eis que se desabará sobre todos nós uma grande tormenta, e haverá inquietudes nos corações tranqüilos, mas o teu será sacudido em sua solidão e encontrará paz somente no gozo do Senhor quando se tenha cumprido a lei'."

"Então uma grande luz, como jamais o homem poderá imaginar, envolveu-nos, os dois (por três vezes consecutivas), e eu, Judas, ouvi grandes palavras de verdade faladas no Reino dos Céus. E me prostrei aos pés de meu Rabi (mestre), e exclamei: Já sei quem és! Mas meu Rabi pôs sua mão sobre meus lábios, olhou-me ternamente e disse: 'Judas, bem amado de meu coração. O que tens visto, cala-o ainda, porque minha hora não há chegado. E é preciso que se cumpra o destino, e tu me ajudarás nele. Ele me disse muitas, belas e formosas palavras de verdade, sem pronunciá-las; e todas se gravaram em meu coração'."

"Jesus disse: 'Judas, eis aqui que te chamo meu amigo, mas o mundo dificilmente compreenderá que o és em espírito e em verdade. Mas há chegado a hora em que te lave os pés, pois aquilo que é necessário que cumpras muito rápido, de dois modos se faz: sabendo-o tudo e porquê, ou ignorando o serviço. E o homem sempre preferirá ignorar a verdade e verá somente um aspecto de Deus, e em seu extravio crerá que o tem conhecido totalmente. Mas tu e eu cumpriremos agora como é preciso que se cumpra toda a justiça do Pai. Bem-aventurado quem possa entender o que agora habita em teu coração, Judas'."

"Bem-aventurado tu, meu Rabi, filho de Deus. Porque tu és o 'sim', aí onde eu serei o 'não' para o homem. Eis que te vejo como a luz que dissipa as trevas e serei teu reflexo nas mesmas trevas, para que saibam os homens que caminho seguir, que caminho evitar, na alma à luz de teu amor, de onde brota a chama do fogo de meu zelo".

"Rabi, Rabi de meu coração. Eis que vejo chegar a noite e como haverei de perder-me nas trevas para que o homem seja salvo. Afasta de mim este

A palavra grega *haeresis* evoca a idéia de tomar partido, aderir a uma filosofia, porém sem carga emocional, de modo neutro. No Novo Testamento, ela é empregada nesse mesmo sentido. Foi apenas nos primeiros séculos que ela tomou um sentido pejorativo, a fim de designar os artigos de fé que se desviavam da norma. O latim traduz essa palavra por "seita" que, atualmente, nem sempre é sinônimo de heresia. Apenas na Idade Média surgiu a palavra *ketzer*, herético, comparada por muitas pessoas com a palavra "cátaro", puro. Essa palavra tomou, então, um sentido religioso, significando "contrário ao catolicismo", isto é, ao ensinamento oficial e à fé propagados pela Igreja de Roma, ou mesmo por qualquer outro sistema religioso estabelecido considerado ortodoxo.[7]

cálice se assim é tua vontade e a de nosso Pai que está nos céus e ajuda-me a suportar a agonia que me espera."

"E, estendendo a mão com o pão molhado, ofereceu-me, e eu o recebi. E seus olhos me olharam cheios de compaixão e os meus estavam banhados em lágrimas, pois minha alma estremecia de terror [...] E compadecendo-se, disse-me: O que fazes, faze-o depressa."

Conta-se, a seguir, que seu sangue era diferente do de Jesus. Ele era feito de argila, da matéria terrestre, segundo a expressão do Gênesis, capítulo 2. Em seu coração, ele desejava que essa argila atingisse um grau de calor tal para, assim, se tornar o recipiente puro do grande mistério. Seu coração experimentara o beijo da eternidade.

Essas palavras, escritas em 1953, aproximam-se admiravelmente, por seu sentido, das palavras do *Evangelho de Judas*: "Pois tu és o discípulo que realmente me compreendeu [...] Mas tu excederás a todos eles (os discípulos), pois sacrificarás o homem que me reveste". [8]

Necessidade da traição

Em *De Topsteen*, revista mensal que precedeu a atual *Pentagrama*, J. van Rijckenborgh declara, em um artigo consagrado ao Rei Artur e aos doze cavaleiros da Távola Redonda, que um deles devia necessariamente representar o papel do traidor. Aqui, nesta história de origem pré-cristã, o traidor é Mordred. J. van Rijckenborgh diz: "Devemos compreender este elemento da nova vida superior. Cada um deve transpor para sua própria vida a lenda da Távola Redonda bem como o drama crístico". E ele prossegue: "Quem deseja tornar-se um Artur, ou um homem-Jesus com plena consciência de sua tarefa e de sua vocação, enquanto está sentado à mesa com os doze cavaleiros de Artur ou os discípulos de Jesus, por outras palavras, no quadro de sua vida onde atuam doze forças, deve ter a coragem de dizer a Mordred/Judas: O que queres fazer, faze-o depressa[...].

Porque é o próprio Judas que leva seu Senhor ao Gólgota, e que se enforca após ter feito seu trabalho. Assim também na sabedoria esotérica o sofrimento suportado na décima-segunda casa dá acesso ao novo nascimento, a seguir ao bem superior na primeira casa [...] O traço mais característico da natureza terrestre é o instinto de conservação. No homem que tenta fazer a vida superior servir a suas ambições comuns de libertação apresenta-se um dos doze cavaleiros/discípulos como fator aprisionador. A vida superior se deixa aprisionar, resultando daí a morte de Mordred/Judas, a natureza terrestre que deseja se auto-manter [...] Na lenda de Artur, o rei é ferido e deve voltar a Avalon, palavra que significa 'eu voltarei'.

Os cristãos ortodoxos esperam a volta de Cristo em um futuro distante, mas os que sondam as profundezas da divindade sabem que esse retorno nas nuvens do céu é um acontecimento cotidiano cósmico e individual no campo de respiração, quando essa força é invocada de uma maneira ou de outra [...] O conceito 'távola redonda' designa um processo científico-esotérico em que o candidato, graças aos doze pares de nervos cranianos, conscientiza-se da atividade das doze forças da alma, alimenta-se dos doze pães da proposição e se prepara para invocar a sagrada força do Espírito para que ela anule seu ser dialético [...] Desse modo, o mito da távola redonda representa o encontro do candidato

com seus doze discípulos num estágio bem determinado de seu crescimento espiritual, uma etapa em que soa com força e insistência a palavra: o que queres fazer, faze-o depressa".[9]

Em *O Verbo Vivente*, Catharose de Petri interpreta o mistério de Judas da seguinte forma: "Quanto mais vos tornais maduros, mais tomais consciência da extraordinária força da ilusão. Da mesma forma que Judas traiu Jesus para os doutores da lei, também a ilusão é uma das doze forças em vosso caminho de vida que vos trairá sem cessar – até vislumbrardes sua essência em profundidade. Então, como Judas, dela fugireis e, livres de sua nefasta influência, vos ligareis mais uma vez à ilusão, a fim de colaborar na libertação da humanidade, da qual sois parte inseparável. Caso não consigais abandonar Judas, caso não consigais desligar-vos da ilusão, continuareis num círculo, rodando no giro das doze possibilidades da vida. Mas, caso consigais libertar-vos disso, então o elo perdido constituirá a possibilidade de alcançar uma espiral de vida superior. [...] Vede aqui a maior das vitórias ao lado da mais profunda desilusão. Essa é a luta que cada filho do homem deverá travar, se quiser de fato realizar Jesus Cristo no mais profundo de seu ser".[10]

Portanto, não é por acaso que o Evangelho de Judas ressurge em nossos dias, justamente no início da era de Aquário, quando o ser humano deverá demonstrar se descobriu e compreendeu o verdadeiro conhecimento em sua alma. Após 2000 anos, o ser humano parece estar preparado para tanto. Talvez devamos dizer que agora é o momento em que ele deve, por fim, refletir sobre tudo isso. Mas apenas em sua vida interior cotidiana ele poderá de fato ser um discípulo de Jesus, o Cristo, desvendar em si esse saber secreto e dele viver. Nesse contexto é importante compreender que apenas é possível concretizar o impulso divino da luz de Aquário – que traz o nome de Cristo – em nosso coração, em nossa alma. Enquanto a humanidade viver de um cristianismo exterior, o significado do personagem de Judas por certo continuará sendo um grande mistério.

NOTAS:

1 Trismegisto, H. *Do castigo da alma*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2004.

2 Bushby, T. *The crucifixion of truth* (A crucificação da verdade), Austrália: Joshua Books, Maroochydore, 2004.

3 Bushby, T. Idem.

4 Ibid.

5 Entrevista do professor L. Dros por H.v. Hoort, jornal *Trow* de 6 de abril 2006.

6 Cosani, A. *El vuelo de la serpiente emplumada*. México: Editorial Yug, 1953. Tradução brasileira: *O vôo da serpente emplumada*, de Francisco A.C. Lima. Site: www.ovodaserpenteemplumada.hpgvip.com.br

7 Wikipedia.org/wiki/ketterij.

8 Entrevista do professor L. Dros por H.v. Hoort, jornal *Trow* de 6 de abril 2006.

9 Parte de uma alocução de J. van Rijckenborgh publicada na revista *De Topsteen*

10 Petri, C. de. *O Verbo Vivente*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.

A busca dos filósofos pela verdade



Desde que a humanidade começou a dispor de uma faculdade de pensamento ela se sente impelida para a verdade, o bem e o belo. Segundo Platão, a existência da humanidade fundamenta-se na tríplice idéia do Bem superior. Podemos, também, apresentar essa busca na forma de três perguntas: *O que é o mundo?* (ontologia) *Como ele deve ser?* (ética) *Como nós o vivenciamos?* (teoria do conhecimento e estética)

Quando o homem se conscientiza de sua presença neste mundo, em dado momento ele se pergunta: O que é este mundo? Qual é minha função nele? O que ele espera de mim? Ele passa a buscar a verdade de seu próprio "ser" neste mundo. Cedo ou tarde, é inevitável, ele chega a estas três questões vitais: Quem sou? De onde venho? Para onde vou?

Diversas religiões tentaram dar uma resposta a essas questões. No mundo inteiro, muitos mestres tentaram explicar sua percepção de uma realidade superior. Os gnósticos mostram, sobretudo, o caminho a ser tomado por quem quer fazer parte de uma realidade divina já nesta vida.

O método dialético

A filosofia ocidental sempre investigou as questões fundamentais mediante o raciocínio intelectual, ou seja, pelo "método dialético" descrito por Aristóteles. No tempo dos gregos, a expressão dialética era considerada apenas como um gênero de raciocínio no qual as oposições serviam para se alcançar uma verdade. Esse método é uma característica da filosofia ocidental. Partindo de certezas não provadas, porém aceitas como fundamento e axiomas incontestáveis, os pesquisadores tentam, pelo raciocínio lógico, tirar conclusões também incontestáveis concernentes ao que "é" e o que "deveria ser".

Justamente esses axiomas constituem o problema. Qual é o ponto de partida?

No decorrer dos tempos, diferentes pontos de partida foram escolhidos, com base no que podemos perceber de modo direto.

Blaise Pascal:

"O coração tem razões que a razão desconhece".

Teilhard de Chardin:

"Os sofrimentos pelos quais passamos têm sua origem na desordem do pensamento humano."

Onde encontrar uma certeza inegável? Na vida diária, por exemplo, "certo" é o que percebemos de modo direto, o que vemos com os próprios olhos, ou podemos pegar com as próprias mãos. Em nosso sistema jurídico, por exemplo, espera-se que as testemunhas digam a verdade e nada mais que a verdade com base em observações inequívocas feitas durante certos acontecimentos.

A Gnosis e Platão

Platão, que devido a seus diálogos pode ser considerado "o mestre do método dialético", apresenta grandes pontos de interrogação quanto ao grau de realidade de nossas percepções sensoriais. Na conhecida passagem do diálogo *A República* ele descreve como os homens chegam a tomar nosso mundo – o mundo das sombras – pelo verdadeiro mundo. Ele conclui que o mundo exterior percebido por nossos sentidos não é a realidade, mas tão-somente o reflexo de uma realidade superior. Apenas o mundo das idéias existe de fato: uma hierarquia de idéias encimadas pelo "Único Bem", que é, ao mesmo tempo, o bem, o belo e o verdadeiro.

Há certa analogia entre os conceitos de Platão e os conceitos posteriores dos gnósticos. Assim como eles, Platão também percebe que a finalidade do ser humano é alcançar essa realidade superior mediante um processo de desenvolvimento, e dá o nome de "filósofo" a quem empreende a passagem por esse processo, dando a essa noção um significado muito mais amplo que o atual.

Seu discípulo Aristóteles, de mente mais científica, de espírito conquistador e proclamado universal, classifica todo conhecimento que pode recolher segundo princípios lógicos rigorosos. Desse modo, ele dá o tom a todas as ciências e influencia a filosofia durante séculos.

A diferença entre ele e Platão é surpreendente: enquanto Platão volta-se mais ou menos poeticamente e com amor para um processo de desenvolvimento interior suscetível de conduzir à vida, à *Verdade Única*, Aristóteles perde-se numa multiplicidade de sistemas lógicos de conjuntos e de categorias.



Essa diferença de ponto de partida é algo recorrente no curso da história. Vemos os gnósticos, qualificados ou não de neoplatônicos, aspirar profundamente e consagrar todas as suas reflexões e seus esforços à descoberta de uma realidade supranatural. E vemos os filósofos perdidos nos sistemas lógicos sustentados por raciocínios confusos incapazes de apreender a verdade toda – a verdade que abrange numerosos domínios.

Os filósofos que aderiam ao poder da Igreja romana seguiam sempre o método de Aristóteles. Separando o mundo da fé do mundo do saber, conciliando tudo com muito cuidado para as conclusões jamais contradizerem as verdades da Igreja, um homem como Tomás de Aquino – entre outros –, por exemplo, enfatizava as doutrinas teológicas engenhosas, enquanto, no sul da França e na Itália, os últimos gnósticos eram exterminados de maneira atroz.

Certo é apenas que eu duvido

Após a Idade Média, tem início a assim chamada filosofia "moderna", e mais uma vez há tentativas para encontrar respostas aos temas abordados por Platão. Novamente trata-se de "fundamentos incontestáveis" sobre os quais seria possível estabelecer uma filosofia da verdade.

Depois de pôr em dúvida tudo que pudesse passar por verdadeiro, Descartes emitiu, então, sua célebre fórmula: *Cogito ergo sum* (Penso, logo existo). Com efeito, na dúvida, não resta senão uma coisa certa: *o fato de eu duvidar*. Mas, ao elaborar sua

Página 30: Ruínas de Mileto na antiga *Magna Græca* (atual Turquia), encobertas pelas águas durante grande parte do ano.
À esquerda: Triste deusa Atena, estela de sepultura, 470 a.C., Acrópolis, Atenas.

filosofia, Descartes também se confunde ao separar matéria e espírito; em outras palavras: apesar de todas as dúvidas, ele parte do princípio de um mundo exterior distinto do mundo do pensamento.

Na verdade, a alegoria da caverna de Platão (ver box) foi novamente colocada em pauta. E por mais de um século os pensadores quebram a cabeça com a questão: o que é a realidade?

Sobre isso, Emmanuel Kant chega a uma conclusão genial que faz, porém, toda ilusão ser perdida ao demonstrar ser preciso distinguir espírito e matéria de uma maneira totalmente diferente. Com certeza, ele sempre se baseia no princípio de um mundo exterior, mas demonstra que é a consciência que possui a faculdade de filtrar e classificar todas as percepções, de modo a enquadrá-las nas estruturas intelectuais do observador. Os conceitos de espaço tridimensional e de tempo são as características mais importantes do intelecto humano.

Em realidade, essa visão de espaço e tempo revela as características da consciência perceptiva, mas não as propriedades das coisas percebidas. A realidade dura e concreta que pensamos descobrir é apenas uma realidade de nossa consciência. A coisa-em-si mesma é inapreensível pela razão humana.

As conclusões de Kant inauguram um novo período do pensamento filosófico. Sua obra faz uma separação entre o que se poderia denominar "moderno" e "contemporâneo". Até os dias de hoje impõe-se a pergunta: "Que é a verdade se o que parece ser realidade é apenas a realidade da consciência?"

Após Kant, tenta-se criar uma filosofia integral que transcenda os limites da consciência espaço-tempo a fim de apreender a realidade oculta por trás da consciência humana, a "coisa-em-si".

Uma vez que aqui, por definição, o domínio da lógica racional foi abandonado, vemos interpretações religiosas e especulativas apressar-se para dar respostas à questão acima. Nesse contexto, o apelo aos grandes sistemas religiosos e filosóficos revela-se incontornável: há tempos eles já possuíam a resposta, e apenas esperavam pela pergunta justa.

Stephen Sondheim:

"O coração sabe, a mente ignora. Não há alternativa?"

Hegel aproxima-se do pensamento gnóstico quando supõe pairar por trás do que é aparente um espírito absoluto que toma consciência de si mesmo por meio da humanidade. Ele considera a dialética num plano particular; para ele, a dialética seria o meio de adquirir uma nova compreensão das coisas, uma lei da natureza pela qual as coisas evoluiriam em níveis cada vez mais elevados.

Embora possuidora de grande beleza, essa filosofia chamada especulativa e concebida por um alemão foi rejeitada por outros pensadores, sendo taxada de impraticável e de xenófoba. Contudo, o pensamento de Hegel exerceu grande influência sobre muitos, e não apenas sobre Marx, que, com o "materialismo dialético", inseriu novamente a evolução da humanidade no quadro do mundo material.

Uma dialética dupla

J. van Rijckenborgh tomou emprestada de Hegel o conceito de dialética sob a influência do pastor e professor inspirado Arnold Hendrik de Hartog. Contudo, ele faz distinção entre "dialética inferior" e "dialética superior". Para ele, a dialética inferior constitui a lei fundamental do mundo exterior, onde tudo se realiza no interior do campo de tensão dos opostos, enquanto Hegel supõe uma evolução sempre ascendente. Para J. van Rijckenborgh, o

caráter da dialética inferior apresenta-se sob o signo de um movimento repetitivo sem fim, de uma roda girando incessantemente num mundo onde o tempo faz tudo declinar e acaba por pulverizar todo desenvolvimento aparentemente melhor ou superior. Ao mesmo tempo, ele fala, num sentido hegeliano, de uma dialética superior, de um campo de desenvolvimento onde o homem original pode evoluir enquanto "pensamento de Deus" até tornar-se um ser divino consciente e autocriador.

Na época posterior a Hegel, vemos aparecer entre os filósofos um certo cansaço. Eles renunciam às tentativas de uma filosofia geral que daria uma resposta a temas propostos por Kant. Se todo mundo vive, como parece, seu próprio fragmento de realidade, sua própria verdade, seu próprio sistema do bem e do mal, "as grandes descrições gerais" do que é e do que deveria ser não servem para nada. Essa é a mensagem da assim chamada filosofia pós-moderna. Este é seu axioma: "A verdade não existe".

O bem, o belo e o verdadeiro manifestam-se apenas na realidade individual. Com isso, verdades contraditórias podem ser verdadeiras no mesmo momento e no mesmo lugar.

É possível, portanto, fabricar a realidade: os publicitários, políticos e escritores descobriram possuir a capacidade de criar qualquer coisa aparentemente real enchendo a cabeça dos homens com ilusões, informações seletivas e meias verdades.

A verdade ultrapassa a compreensão

Chegamos, por conseguinte, ao ponto inicial de Platão. A máxima: "O homem é a medida de todas as coisas", do sofista grego Protágoras, torna-se novamente atual.

Contudo, a pesquisa secular da verdade trouxe um resultado: o reconhecimento evidente, mesmo do ponto de vista da razão, de existir muito mais coisas que o poder intelectual jamais poderá apreender. Nenhum sistema filosófico, nenhum modelo imaginável da realidade é absoluto. Tudo é reduzido a novos conceitos. Valendo-se dessa base, surgem novas possibilidades que sempre oferecem nova liberdade de pensamento.

Eis a visão do pós-modernismo: não temos de aguardar uma nova filosofia elaborada por *um* filósofo. Atualmente, devemos compreender que cada um de nós tem em mãos a chave e a missão de sair em busca de sua própria verdade interior – que se patenteará como a verdade universal, pois encontramos em nosso próprio interior algo muito mais forte que o que nos impõe uma autoridade. Trata-se de verdades talvez ainda não evidentes, mas atualmente buscadas por grupos e indivíduos em toda parte, em todas as direções; e caso a busca seja aberta e perseverante, por certo terá um resultado, assim como a primavera – embora ainda invisível, pois o trabalho é subterrâneo – irromperá repentinamente, um dia, em todo o seu esplendor. Um esplendor para o qual cada flor contribuirá.

Platão e a alegoria da caverna

– Imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz... Esses homens estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoço, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa elevação, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no gênero dos tapumes que titeriteiros colocam diante do público, para mostrarem suas habilidades por cima deles.

– Eu os vejo.
– Veja também, ao longo desse muro, homens que transportam toda espécie de objetos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda espécie de lavor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem em silêncio.
– Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas.
– Semelhantes a nós. Em primeiro lugar, pensa que nestas condições eles tenham visto, de si mesmos e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna?
– Como não, se são forçados a manter sempre a cabeça imóvel?
– E os objetos transportados? Não se passa o mesmo com eles?
– Sem dúvida.
– Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objetos reais quando designavam o que viam?
– Realmente.
– E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum dos transeuntes falasse, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava? [...] Considera agora o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância [...] logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente,a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada uma desses objetos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objetos vistos outrora eram mais reais do que os

que agora lhe mostravam?
– Sem dúvida.
– Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto aos objetos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam? [...] E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos?
– Não poderia, de fato, pelo menos de repente.
– Precisava de se habituar [...] Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho dia.
– Pois não!
– Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer outra parte, mas a ele mesmo, no seu lugar [...] Depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.
– É evidente que depois chegaria a essas conclusões.
– E então? Quando ele se lembrasse da sua primeira habitação, e do saber que lá possuía, dos companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros?
– Com certeza.
– E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si, ou prêmios para o que distinguisse com mais agudeza os objetos, que passavam, e se lembrasse melhor quais os que costumavam passar em primeiro lugar e quais em último, ou os que seguiam juntos, e àquele que dentre eles fosse mais hábil em predizer o que ia acontecer – parece-te que ele teria saudade ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles, ou que experimentaria os mesmos sentimentos que em Homero, e seria seu intenso desejo "servir junto de um homem pobre, como servo da gleba", e antes sofrer tudo que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo?
– Suponho que seria assim [...] que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira.
– Imagina ainda o seguinte [...] Se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente à luz do Sol? [...] E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista – e o tempo de se habituar não seria pouco – acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?
– Matariam, sem dúvida [...]
– Esta imagem deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa [...] Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a idéia do bem.

FONTE:
A República de Platão, São Paulo: Martin Claret, 2001.

Um magnífico desenvolvimento interior

Cada perfeição que percebo se torna minha — Friedrich Schiller: Theosophie des Julius



Sabemos que a Reforma e posteriormente os pensadores reformistas tinham idéias bastante rígidas. Contudo, a "realidade objetiva" exagerada e insensata proposta pelas instituições "religiosas" jamais pôde dominar a natureza humana, mesmo sob a ameaça de terríveis castigos. No início do século XVIII, a influência religiosa que reinava em grande parte se enfraqueceu.

Contudo, sob os primeiros impulsos dos novos tempos, já não se trata do homem como objeto da Igreja, mas como sujeito que quer compreender não apenas sua alma, mas também a criação e o próprio Deus. Hoje já não se ouve a palavra de Deus no sentido de uma "justiça vingativa", mas sim como uma doce reprimenda interior. Os buscadores do século XVIII desejavam um "realismo" bíblico, um fio condutor de seu comportamento, e viam projetar-se interiormente (e às vezes até mesmo exteriormente) o reino futuro. Pietistas como Spener e Oetinger abstêm-se de falar sobre a necessidade da coragem nos moldes da ortodoxia rígida e lançam outra vez um olhar sobre a realidade do ser humano.

O pietismo sustentava, sobretudo, a opinião de que os atos devem corresponder às palavras. Deduz-se disso que o pastor cultivado muito pode aprender de uma lavadeira justa e piedosa, que um ferreiro ou um carpinteiro pode saber muito mais sobre Deus que um especialista em religiões, e que simples camponeses se passam por sábios e santos teólogos e se atrevem a ser tomados por eruditos.

Página 37: Friedrich Freiherr von Schiller, pintura de Ludovike Simanoviz, 1794.

Essa é a visão de alguns autores alemães. O pai do conde Zinzendorf (1700-1760), discípulo do pietista Spener, enaltece "a religião do coração" e, fiel a Jacob Boehme, funda em seguida o movimento dos Irmãos Morávios. Novalis (1772-1801) fez parte desse grupo, e a mãe do escritor e historiador Schiller (1759-1805) foi adepta do pietismo. Schiller viveu numa época de questionamento de idéias e de reflexão; e o pietismo se apresentou como um movimento protestante alemão que procurava viver um cristianismo puro e autêntico e que julgava que o pecado está ligado à "natureza", ao velho homem, e que a graça engendra "o renascimento", a renovação do novo ser.

Crítica à sociedade

Por recomendação do príncipe, Schiller, filho de um oficial de classe inferior, teve a possibilidade de estudar Direito e Medicina numa escola militar. Ele se tornou médico militar em Stuttgart. Inspirado pelos escritos do Século das Luzes, ele compôs seu primeiro drama, *Os bandidos*, uma crítica à sociedade. Em segredo, ele assistiu à primeira apresentação que ocorreu em janeiro de 1782, que lhe valeu uma pena de prisão com interdição de escrever qualquer outra coisa que não fosse artigo médico. Schiller concluiu que não podia viver debaixo de tirania e fugiu com um amigo íntimo para Mannheim. Iniciou-se então um período de vagabundagem durante o qual pessoas que o protegiam subvenciona-

vam suas necessidades materiais.

Schiller era afligido por um conflito interior por causa de seu descontentamento com as relações sociais; esse sentimento, na realidade, perdurou por toda sua vida. Contudo, o escritor e historiador genial permaneceu otimista e sempre voltado para o progresso da humanidade. Isso se patenteia em sua divisa: "Vive com teu século, mas dele não sejas uma criatura. Serve a teus contemporâneos dando-lhes o que necessitam e não o que apreciam".

O jovem Schiller permaneceu em Leipzig e em Dresden de 1785 a 1787 na casa de C.G. Körner, que ele conhecera durante seu período de perambulação. Três anos mais velho que ele, Körner tornou-se seu amigo íntimo e mestre espiritual. Além de vasta cultura geral, Körner tinha conhecimento do que hoje denominamos arcanos ou ciências secretas. Acredita-se que Körner, em Leipzig, tenha encontrado o lendário conde de Saint Germain, a respeito do qual circulam histórias misteriosas. Por meio de Körner, Schiller entrou em contato com a teosofia (theos-deus, sofia-sabedoria), o que o inspirou a escrever a *Ode à Alegria*, que Beethoven em seguida pôs em música e que hoje é o hino da União Européia. A aspiração às idéias elevadas que Schiller imprimiu a seus dramas reflete de modo magnífico o espírito de seu tempo.

Assim como os cátaros herdaram seu nome dos adversários, também os discípulos de Spener (1635-1705) tiveram seu nome originado dos sarcasmos e insultos dos que os denominavam "pietistas" segundo a palavra "pius", que significa "piedoso".

Os pietistas se esforçavam por uma conversão da personalidade e pela renúncia ao mundo. Eles levavam uma vida religiosa totalmente interior, uma vida familiar piedosa e observavam a celebração dominical. Não é, portanto, de se admirar que entre os precursores do pietismo encontremos nomes de homens conhecidos que durante toda sua vida reclamaram por um cristianismo concreto e pleno de devoção. Descobrimos entre eles Jacob Boehme e Johannes Arndt, um dos inspiradores de Johan Valentin Andreæ, autor dos Manifestos da Rosacruz.

Foi nesse espírito e nessa tradição que Philipp Jacob Spener publicou seu livro *Pia Desideria* (Piedosos desejos de uma Reforma da Igreja do Verdadeiro Evangelho). Nesse livro ele apresenta seis proposições para reformar a Igreja:

- fazer os predicadores e os leigos estudar profundamente a Bíblia,
- criar um sacerdócio cristão universal ("o sacerdócio geral dos crentes"),
- praticar o cristianismo na vida e em atos,
- substituir os ataques violentos aos que não têm as mesmas crenças por encontros amistosos e plenos de benevolência,
- reorganizar os estudos teológicos e universitários de modo a dar mais importância à vida religiosa,
- tornar as pregações acessíveis e compreensíveis às pessoas comuns.

Ele foi um dos primeiros a compreender o novo desejo de liberdade individual e considerava seu dever partilhar esse ideal com todos os seres humanos.

Schiller realizou estudos em várias áreas, porém aprofundou-se, sobretudo, em história. Ele compôs uma tragédia baseada na história dos condes Egmond e Hoorne que, em 1568, foram decapitados em Bruxelas em nome da liberdade. Também escreveu *História da Queda da União dos Países-Baixos* e *História da Guerra dos Trinta Anos*. Igualmente interessado em filosofia, estuda Kant: *A crítica da razão pura,* bem como *A crítica da razão prática*. Como jovem ele acreditava que, devido às circunstâncias, era impossível tornar-se um homem totalmente livre. Ele se perguntava: Quem educará a humanidade?

Harmonia e beleza

"O artista existe para conduzir a humanidade à harmonia interior". A beleza foi um dos principais ideais de Schiller, que achava que os gregos da época clássica foram os mestres da beleza. Eles possuíam essa harmonia...

Suas últimas obras, como *Das verschleierte Bild zu Sais* e *Taucher*, nas quais ele aborda a questão dos limites do saber humano, testificam de sua maturidade. Ele escreveu numerosas peças para o teatro, que, para ele, era um poderoso meio de transmissão de idéias, e do qual esperava a renascimento da nação.

Em *Theosophie des Julius*, publicado pela primeira vez no periódico *Thalia* em 1786 e editado por ele, Schiller descreve uma aventura totalmente interior sob a forma de uma troca de cartas imaginária entre Julius (o jovem Schiller de vinte e seis anos) e seu mestre espiritual (Rafael, três anos mais velho que ele).

Para começar, Julius sente-se pleno de altivez e de alegria com as novas idéias que lhe são transmitidas. "Esses rochedos, eu os escalei a teu lado, e contigo fui atraído para perspectivas sem medida". Mal Julius abandona Rafael com a finalidade de tornar-se forte e alcançar a maturidade, enche-se de dúvidas e desencoraja-se. Ele exclama: "O que fizeste de mim, Rafael? Dizes que, além de minha própria inteligência, não devo crer em ninguém. Que não há nada sagrado fora da verdade. Que aquilo que a inteligência vê é a verdade. Obedeci-te e renunciei a todas as idéias recebidas. Tuas lições lisonjearam meu orgulho. Tornei-me um prisioneiro. Fixei-me num universo burguês... mas o espírito livre e pleno de aspiração – infelizmente em contradição com a natureza – está integrado no mecanismo implacável do corpo mortal, ligado às suas necessidades comuns, ao jugo de seu destino medíocre, e esse deus se consome no mundo das formas... Não sou feliz. Renunciei à coragem e duvido de minhas próprias forças. Escreve-me depressa..."

Rafael reage exigindo que Julius remedeie o "mal de sua alma": fraqueza e dúvida. Ele deve passar da infância, em que necessita ser alimentado por um mestre, para a idade adulta de um cidadão do mundo espiritual. "Deves suportar um mal que somente tu podes curar com tuas próprias forças, a fim de poderes resistir a qualquer recaída. Quanto mais te sentes abandonado, mais deves juntar tuas forças para te curares..."

Em sua resposta a Rafael, Julius explica sua *Theosophie des Julius*, que consiste em cinco fases de crescimento da alma, que ele expõe em cinco capítulos. No primeiro, intitulado *O*

mundo e o ser pensante, Julius (Schiller) trata acerca da relação entre a criação e a energia divina original.

"O universo é um pensamento de Deus [...] É o chamado a todos os seres pensantes, o primeiro sinal a ser reconhecido [...] Buscar a unidade de construção do conjunto, o espírito por trás das aparências [...] Para mim resta tão-somente uma coisa aparente na natureza: o homem pensante [...] Tudo em mim e fora de mim se reduz ao hieróglifo de uma energia [...] As leis da natureza constituem o alfabeto com o auxílio do qual todos os espíritos se compreendem no espírito perfeito [...] Harmonia, verdade, ordem, beleza e superioridade me alegram porque essas qualidades mostram que são dotadas de razão, que os seres conscientes existem e me fazem presumir que pertenço à sua família".

Da compreensão precisa da natureza se extrai os sinais da perenidade da vida: "Cada primavera que chega me explica o angustiante enigma da morte e refuta minha angustiante inquietude do sono eterno. A andorinha que se recolhe no inverno, e que vemos reviver na primavera, a lagarta morta que rejuvenesce na forma de uma borboleta esvoaçante, proporcionam uma imagem surpreendente de nossa imortalidade [...] Ali onde avisto um corpo, acho um espírito, onde verifico o movimento, descubro um pensamento. Ali onde nenhum morto está sepultado e não há ressurreição, falam eternamente as obras de uma onipotência que me ensinam a existência de um Deus onipresente".

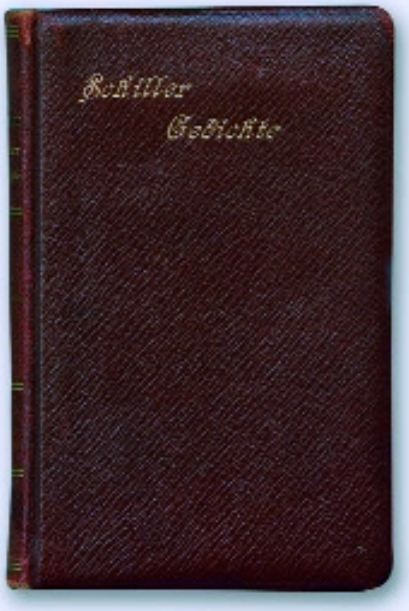
O segundo capítulo tem por título: *Idéia*. Na linguagem comum, essa palavra evoca um pensamento, uma inspiração súbita. Dirige-se, portanto, ao nosso mundo interior. A palavra "idéia" vem do grego *idea*, que significa uma aparência ou uma forma, conceitos que se referem ao mundo exterior. Esses dois aspectos estão ligados. Contudo, o que a alma retém do exterior depende de suas qualidades interiores. De modo recíproco, o que ela percebe de belo e de nobre, ela o torna seu e nisto ela se desenvolve.

Idéia

"Todos os espíritos são atraídos pela perfeição [...] A contemplação do que é belo, real e superior se assemelha a uma tomada de posse direta dessas qualidades. O estado que experimentamos, esse nós penetramos. No momento em que nele pensamos, adquirimos uma virtude que nos pode fazer agir, descobrimos uma verdade e experimentamos uma grande felicidade. Tornamo-nos o objeto que sentimos [...] No instante mesmo em que dele fazemos uma representação, a perfeição é nossa [...]

Temos a concepção da sabedoria dos seres superiores, de sua bondade, de sua retidão, mas não a compreensão de seu poder total. A fim de explicá-lo, empregamos uma imagem defeituosa porque dividida em três partes superpostas: nada, sua vontade e algo. Isso é algo árido e obscuro – Deus disse: "Luz", e a luz se fez. Se tivéssemos a concepção real dessa onipotência ativa, seríamos criadores como ele [...] Cada perfeição que vejo se torna minha e me alegra [...] Cada beleza, superioridade e prazer que crio fora de mim, também os crio dentro de mim; caso eu negligencie alguma coisa e a destrua, eu me negligencio e destruo a mim mesmo. Desejo uma felicidade desconhecida porque eu mesmo a desejo. Ao desejo de uma felicidade desconhecida nós damos o nome de afeição, amor".





Schiller era extremamente popular, e suas obras tiveram numerosas edições. Aqui, uma edição com litografias de 1913.

O terceiro capítulo trata do "amor" e do "absoluto". O amor, o que de mais nobre existe no mundo, não é senão uma sombra ínfima do absoluto.

O amor

"O amor é o fenômeno mais admirável da criação, da vida, o mais poderoso ímã do mundo espiritual, a fonte de toda concentração e a mais sublime virtude. O amor é o reflexo da força original, a atração que exerce toda superioridade [...] Se eu odeio, privo-me de algo; se amo, enriqueço-me com aquilo que amo. Perdoar é tomar posse de uma coisa rejeitada; o ódio é um suicídio prolongado; o egoísmo, a extrema miséria de um ser criador [...]" Schiller deseja expressar a energia oculta que encerra o amor. O amor é uma força ativa, um dinamismo poderoso e importante. Eis por que há compreensão e riqueza entre as criaturas que se assemelham, que se encontram no mesmo plano. "O amor pode reinar igualmente entre criaturas dessemelhantes, mas que se harmonizam [...]

Com complacência revejo minhas experiências no espelho que é teu, mas com desejo apaixonado absorvo o que me falta [...] O homem que é capaz de descobrir a beleza, a grandeza e a superioridade nas grandes ou nas pequenas coisas da natureza e que pode tirar a grandiosa unidade de sua multiplicidade se aproxima, como poeta, da divindade [...] a criação inteira aflui para ele. Se todos os homens se amassem, cada um deles possuiria o mundo! [...] Confesso francamente que creio na realidade do amor desinteressado."

A busca das características desse amor aparece no quarto capítulo, ou quarto estágio do progresso interior que culmina no sacrifício do amado.

O sacrifício

"Pode-se pensar que a felicidade cresça em conseqüência de um sacrifício, que eu traga uma felicidade desconhecida, mesmo que esse sacrifício seja o de minha vida? Disso a história nos dá exemplos, e eu sinto claramente que não deveria me custar nada

morrer a fim de salvar Rafael [...] Como poderia o fim de minha existência ter alguma relação com o enriquecimento de meu ser? [...] Isso talvez represente o aperfeiçoamento da alma humana, um benefício a oferecer à eternidade, [possivelmente] a fase do mais nobre egoísmo, mas egoísmo e amor dividem a humanidade em dois gêneros bem diferentes [...] O egoísmo implica em que o ponto central está em si mesmo; o amor coloca esse ponto central fora de si mesmo, no eixo do eterno todo. O amor aspira à unidade, o egoísmo, à individualidade [...] O egoísmo semeia para colher o reconhecimento; o amor não o busca; o amor dá, o egoísmo empresta [...], pouco importa que o interesse vença nesta vida ou na outra!

Caro Rafael, imagina uma verdade que por séculos beneficie o gênero humano e a isso acrescenta o fato de essa verdade só ser aceita após a sua morte. Supõe um homem que com um golpe de vista de gênio tudo abarca, um homem arrebatado por um entusiasmo flamejante, possuidor do sublime dom de um amor imenso [...] Se ao seu espírito ocorrer o ideal perfeito dessa poderosa idéia, ele irá aderir ao gênero humano ideal que imagina. Ele se torna um corpo no qual sua vida – esquecida e supérflua – escorre como uma gota de sangue, e muito rapidamente ele a sacrificará para manter seu ideal [...]"

No quinto capítulo, Julius vê o caminho que deve seguir a fim de ingressar na Unidade, fundir-se em Deus, e como o homem pode realizar esse importante dever.

Deus

"Todas as atividades harmoniosas que procedem da substância divina são, na natureza, reflexos dessa substância, porém com graus, medidas e níveis inumeráveis. A natureza é um deus dividido ao infinito. Como num prisma um raio de luz branca se reflete dividido em sete raios de cores diferentes, o 'Eu' divino se divide em numerosas substâncias 'sensíveis'. Assim como as sete cores se fundem num só traço de luz branca, da união de todas essas substâncias pode surgir um ser divino [...]

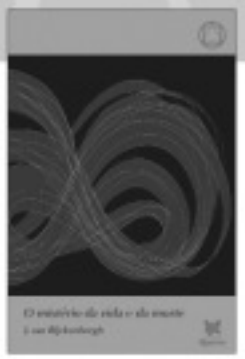
A atração mútua dos elementos dá nascimento à forma corpórea. A atração mútua dos espíritos 'puros', infinitamente multiplicada e intensificada, eventualmente levará à supressão de toda separação (ousarei eu dizer, Rafael?) *fará nascer* Deus. O amor é uma força de atração deste tipo. Pois, o amor muito querido, Rafael, é o degrau a ser escalado para se tornar semelhante a Deus. O amor é o arcano benéfico, a razão eterna da inconstância das coisas.

Que conclusão podemos tirar de tudo o que precede? Plantemos a beleza e a alegria e colheremos beleza e alegria. Tenhamos pensamentos límpidos e nos amemos ardentemente. Sejamos perfeitos como nosso Pai no céu é perfeito, diz o fundador de nossa fé. A frágil humanidade se alegra ao ouvir esses mandamentos, e por isso ele diz mais precisamente: Amai-vos uns ao outros [...] Uma só verdade forma o eixo de todas as religiões e de todos os sistemas: *Aproxima-te do Deus que imaginas para ti.*"

Citações segundo Friedrich Schiller, *Philosophische Briefe, Theosophie des Julius,* Deutscher-Taschenbuch-Verlag, Munique.

O MISTÉRIO
DA VIDA E DA MORTE

NÃO HÁ
ESPAÇO VAZIO



O MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE

J. van Rijckenborgh

Vida e morte estão de tal forma entrelaçadas no tecido da ventura humana que toda a ciência natural não se cansa de especular sobre a razão de nossa existência.
O que é vida? O que é a morte? Este livro esclarece sobre como parte da humanidade original se apartou das leis divinas e ingressou no mundo do tempo e do espaço.

3ª ed. rev. - out. 2006 – 96 págs.
ISBN 85-88950-20-0



NÃO HÁ ESPAÇO VAZIO

J. van Rijckenborgh

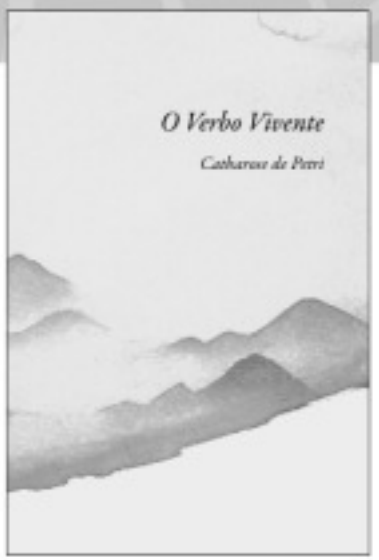
Neste livro é apresentado um visionário quadro do cosmo, macrocosmo e microcosmo. As concentrações energéticas interplanetárias que estão se aglomerando ao redor do campo da Terra são simultaneamente uma ameaça e uma possibilidade de cura: com base em uma mudança de atitude, a conquista do espaço pode ser iniciada internamente, no núcleo do microcosmo, o coração de cada ser humano.

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1817 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

2ª ed. rev. e cor. - out. 2006 – 80 págs.
ISBN 85-88950-37-5

EDITORA Rosacruz

O Verbo Vivente



O Verbo Vivente

Catharose de Petri

Letras dispostas em certa seqüência criam a palavra escrita. Contudo, a palavra somente se torna viva quando é portadora de uma força que vai muito além das nossas dimensões terrenas – a força da Gnosis.

A Catharose de Petri, que colocou toda a sua vida a serviço da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, foi concedido fazer de suas palavras os arautos dessa força gnóstica.

Esse é o motivo pelo qual os quarenta e seis capítulos deste livro, cada um completo em si mesmo, certamente serão uma fonte inexaurível de força, um verdadeiro Verbo Vivente para todo o buscador que anseia pela libertação da alma.

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1817 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

1ª edição - setembro 2006 – 256 págs.
ISBN 85-88950-36-7

EDITORA Rosacruz